

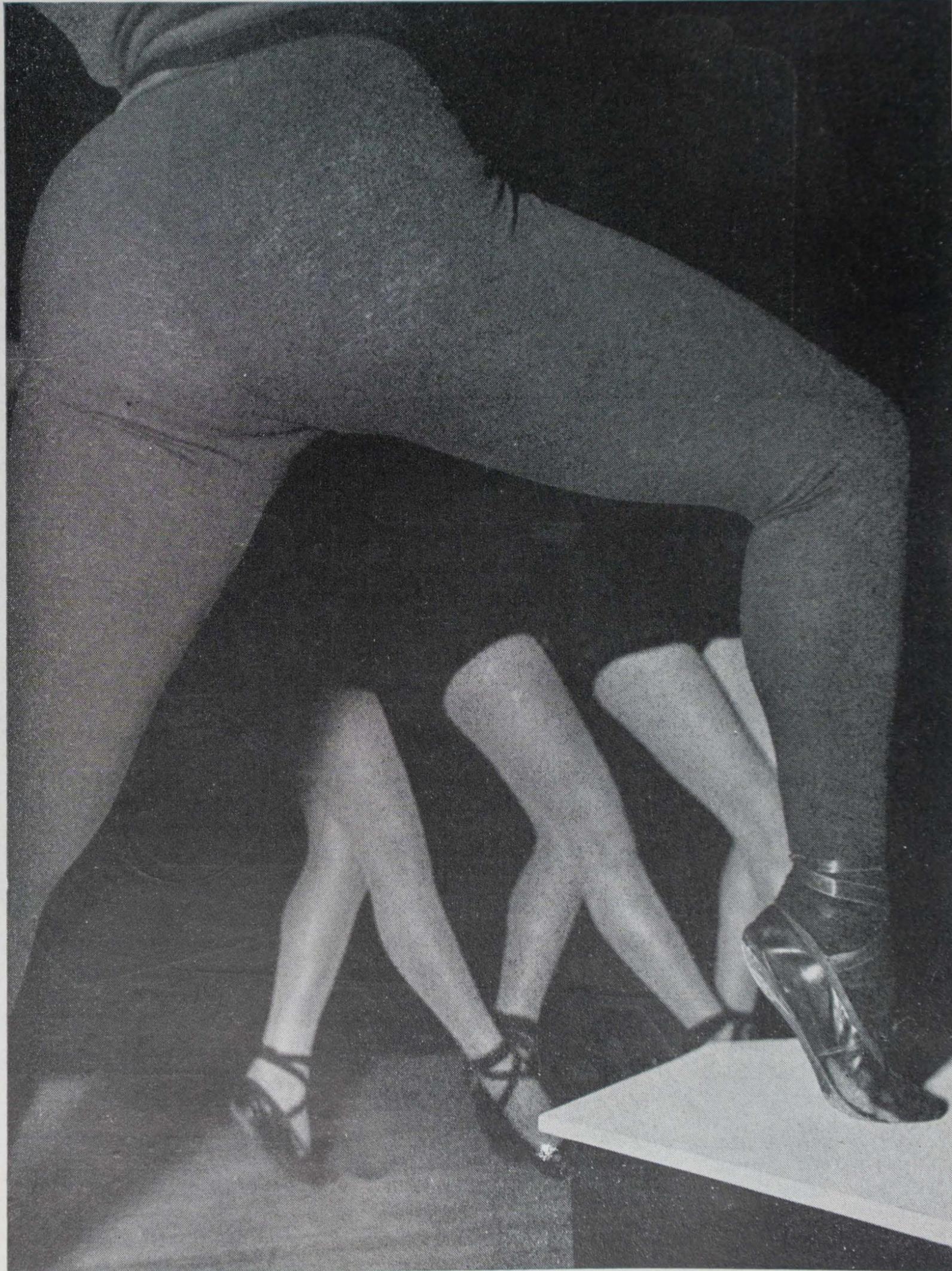


FCCB *Boletim*

ANO IV — N.º 45

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

JANEIRO — 1950

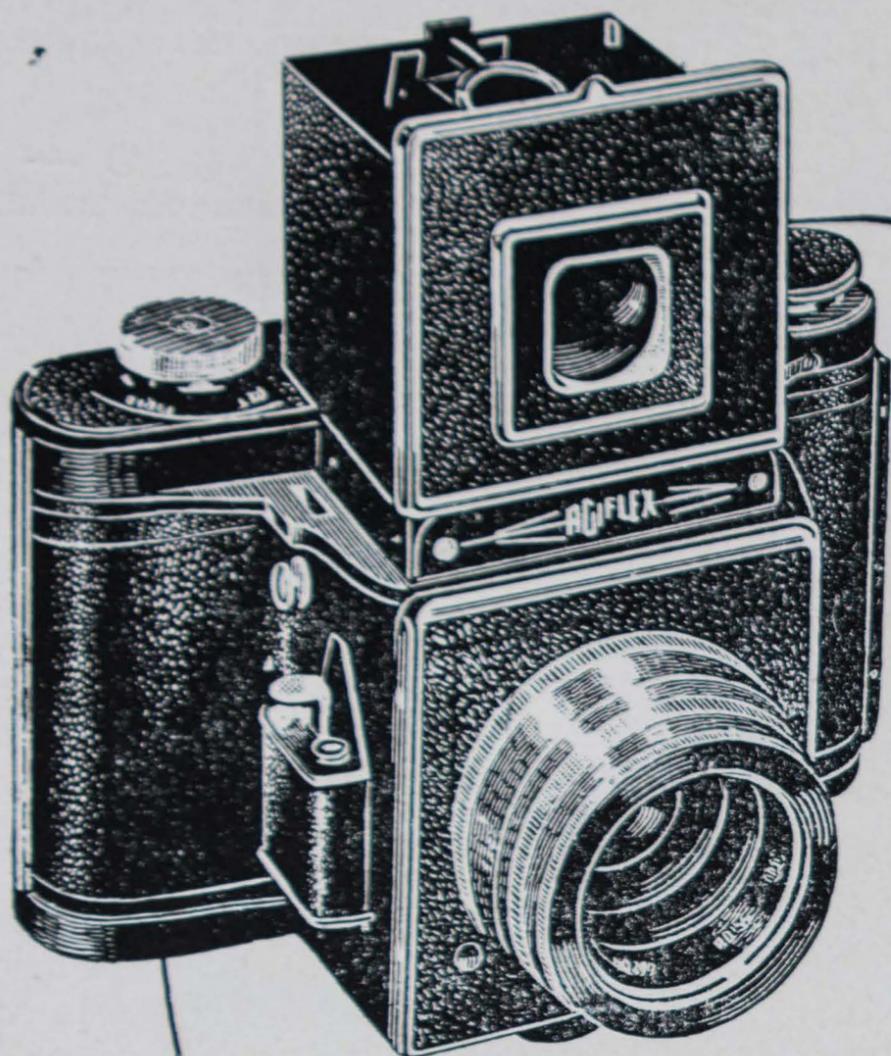


"BALLET"

Julio Agostinelli

Você ficará admirado!

Sim! Até você ficará admirado com os excelentes resultados das máquinas Agiflex e Agifold. Tanto o amador avançado e exigente como o principiante na arte da fotografia obtêm resultados simplesmente maravilhosos. Seja você também um feliz possuidor de uma Agiflex ou Agifold. Dois tipos diferentes para sua melhor satisfação.



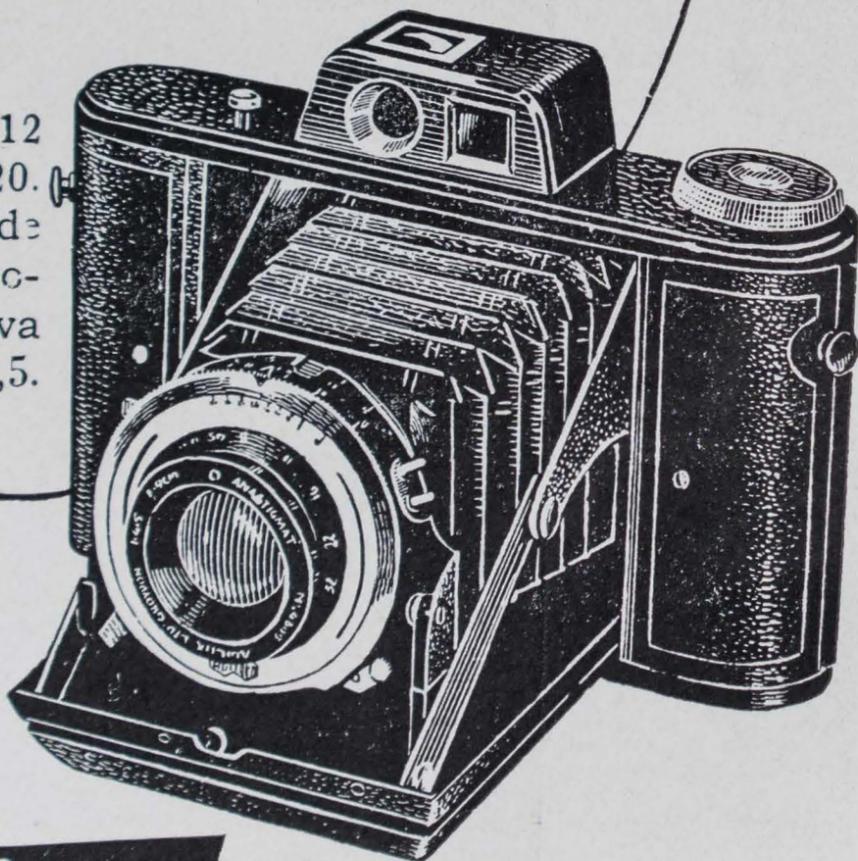
AGIFLEX

câmera tipo reflex, tira 12 fotos 6x6 em filme 120. Construção fortíssima, obturador de grande precisão com velocidade até 1/400. Objetiva Agilux 1:3,5 azulada.



AGIFOLD

câmera de fole, tira 12 fotos 6x6 em filme 120. Construção sólida e de aparência moderna. Objetiva azulada 1:4,5.



PRODUTOS DA AGILUX LTD.
DISTRIBUIDOS POR MESBLA

Mesbla

Rua 24 de Maio, 141 - São Paulo

A VENDA NAS
BOAS CASAS DO RAMO

RIO - P. ALEGRE - B. HORIZONTE
NITERÓI - PELOTAS - RECIFE - VITÓRIA

FOTOPTICA

Foto · Cine · Otica

Foto · Cine · Otica

O NOVO SERVIÇO DE AMPLICÓPIAS DA FOTOPTICA

Acabamos de inaugurar o nosso serviço de "Amplícopias".

O que são "Amplícopias"? — São Ampliações em tamanho standard, permitindo, por esse motivo redução de preço de quase 20%. O formato é o conveniente 9x12 cm. com margem de 5mm. em cada lado. As fotografias quadradas terão naturalmente o formato 9x9cm.. A ampliação é feita "negativo todo", sem cortes.

Podem ser feitas ampliações de todos os negativos até 6x9, com exceção do 24x24mm. e 13x18mm..

Para que servem as amplícopias? — Todos os amadores adiantados costumam fazer o recorte para ampliações nas cópias contacto. Isto, nos pequenos formatos é muito inconveniente e pouco preciso. A amplícopia evita estas dificuldades, permitindo o corte rigoroso e indicação precisa para o estudo e ampliação.

Para os amadores do formato 6x6 ou 6x9 a pequena ampliação (até 9x12) permite uma apreciação melhor do que a própria cópia.

Como pedir as amplícopias? — O serviço de amplícopias deve ser pedido por ocasião da entrega do filme para revelar. Não se aceitam amplícopias de filmes já revelados e cortados pelo seguinte motivo: os filmes, depois de sair do laboratório, sofrem, na maioria pequenos arranhões, marcas de dedos, que aparecem na amplícopia, pois o aparelho ampliador trabalha com condensador forte.

Por este motivo, devem pedir "Amplícopias" e não cópias".

Cada amplícopia Cr.\$ 3,00

PARA O INTERIOR, DESPACHAMOS PELO REEMBOLSO POSTAL.

Temos para pronta entrega grande variedade de projetores sonoros 16mm. "AMPRO", "BELL & HOWELL", "R.C.A.", "VICTOR", "REVERE", "NATCO", "DEVRY", além das seguintes ofertas excepcionais:

A G F A — Acabamos de receber diretamente da Alemanha, os últimos modelos de aparelhos fotográficos dessa afamada e assaz conhecida marca; são eles:

— AGFA ISOLETTE 6x6cm. — Objetiva 1:4,5, com sincronização para "flash" e travador e disparador automático, bem como bolsa de prontidão, por Cr.\$ 2.050,00.

— AGFA BILLY RECORD 6x9cm. — Objetiva 1:4,5, azulada, sincronização para "flash", com travador e disparador automático e bolsa de prontidão por Cr.\$ 2.250,00.

— AGFA KARAT — modelo 36, novo tipo de aparelho 35mm. fabricado pela AGFA, podendo uhar chassis 35mm. standard, com objetiva Xeron 1:2, azulada, obturador Compur Rapid 1-1/500 de segundo, travador automático e mudança automática do film por meio de alavanca prática, e mais bolsa de prontidão, por Cr.\$ 5.300,00.

PAILLARD BOLEX — Acabamos de receber diretamente da Suíça, os conceituados aparelhos dessa renomada marca — PROJETORES e FILMADORES — e inclusive o "VISOR REFLEX" para Bolex H-16. Consulte-nos sobre preços etc., sem compromisso.

TANQUES PARA REVELAÇÃO DE FILMES: Temos da marca "JOHNSON", ara 35mm. com tabela discriminando o tempo para execução do trabalho, ao preço de Cr.\$ 160,00.

— O mesmo, para 6x9 — 120 ou 620, pelo preço de Cr.\$ 145,00.

— Idem, ajustável, desde 16mm. até 6,5x11cm., por Cr.\$ 220,00.

— ESSEX JOHNSON, modelo especial para revelação de film 35mm. á luz do dia, sem necessidade de usar-se câmara escura, podendo revelar como mínimo, até uma terça parte do film, sem prejudicar o restante, com termômetro embutido, Cr.\$ 590,00.

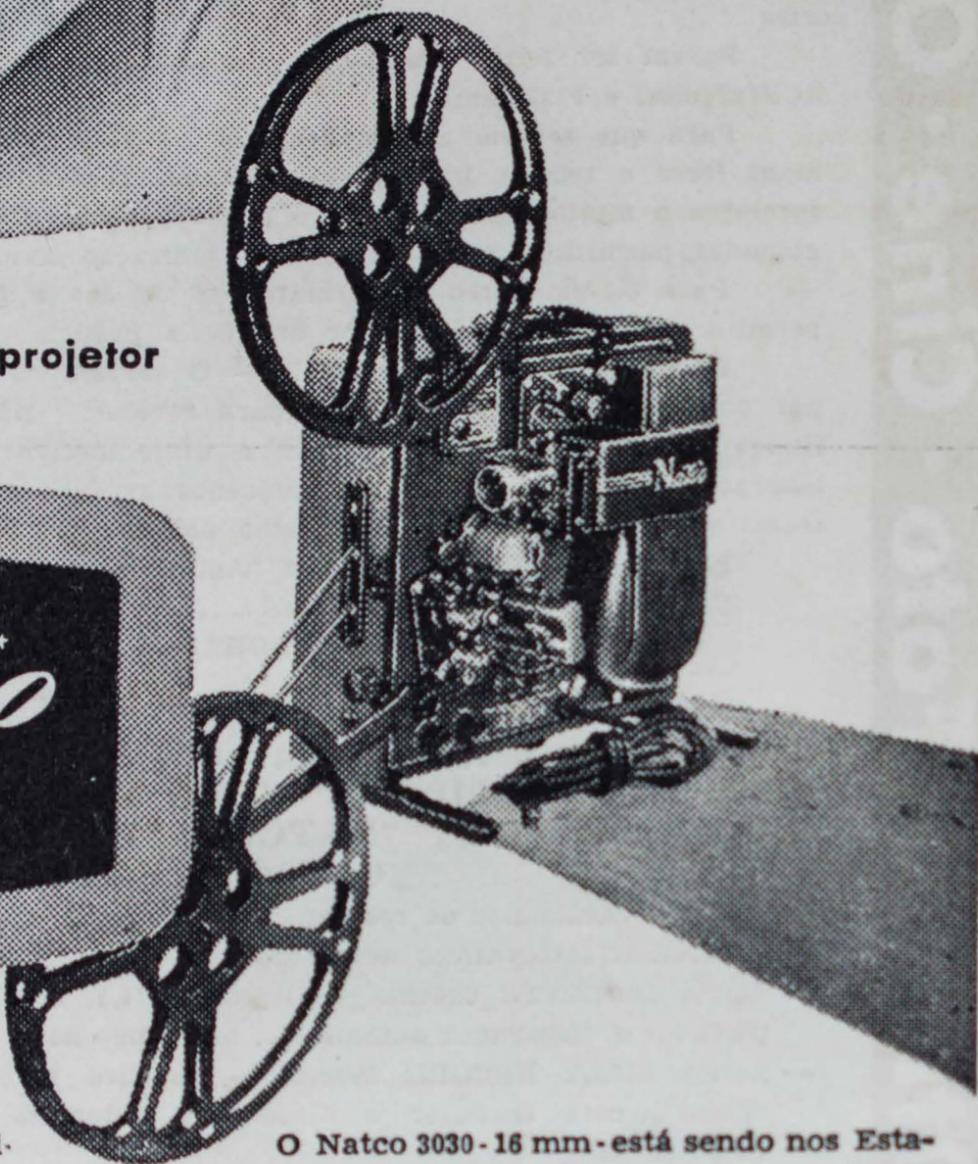
FOTOPTICA

RUA S. BENTO, 359 - TELEFONE, 2-4900 -:- RUA 7 DE ABRIL, 102 - TEL., 4-0788
CAIXA POSTAL, 2030 - End. Telegráfico: FOTOPTICA S. PAULO — SÃO PAULO
ESCREVAM OU VISITEM-NOS — ATENDEMOS PELO REEMBOLSO.



**realismo -
emoção -
PERFORMANCE -**

no mais perfeito projetor
sonoro do mundo



Nunca se esteve tão próximo da perfeição como neste novo modelo Natco 3030 - de tipo profissional, mas construído para o lar.

O Natco 3030 - 16 mm - está sendo nos Estados Unidos, o projetor sonoro 50 anos adiante de sua época. É maravilhoso! É extraordinário!

VEJA ESTAS CARACTERÍSTICAS:

Imagem e Som tão perfeitos como de um grande cinema. A mais absoluta simplicidade de manêjo - Novo sistema de resfriamento - Absoluta nitidez - Nova construção permitindo a mais alta eficiência, pelo mais baixo custo.

IDEAL PARA:

Escolas, Igrejas, Organizações Industriais e Culturais e para o cinema amador e profissional. Tem um custo tão reduzido que permite o uso no lar em ampla escala. Peça uma demonstração completa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

**ENCONTRADO EM TÔDAS AS
BÔAS CASAS DO RAMO**

Cipan



**S. PAULO: RUA D. JOSÉ DE BARROS, 238 - TELEFONE 6-6913
RIO: RUA MÉXICO, 11 - 9º ANDAR - SALA 902**

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE BOLETIM

(Reg. n.º 254)

—x—

Diretor Responsável :
Dr. Eduardo Salvatore

Diretor de Redação :
Dr. Jacob Polacow

Diretor Comercial :
N. Kojranski

—x—

Redação e Administração :
Rua São Bento, 357 - 1.º and.
São Paulo — Brasil

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

•
Laboratório e Atêlier para
aprendizagem e aperfeiçoamento.

•
Sala de leitura e bibliotéca
especializada.

•
Excursões e concursos mensais
entre os sócios.

•
Participação nos salões e concursos
nacionais e estrangeiros.

•
Intercâmbio constante com as
sociedades congêneras de todo
o mundo.

DEPARTAMENTOS :

Fotográfico
Cinematográfico
Secção Feminina.

	Cr. \$
Joia de admissão	50,00
Mensalidade	20,00
Anuidade (recebida somente nos meses de janeiro a março de cada ano	200,00
Taxa extra mensal	10,00

•
Os sócios do interior e outros Estados e da Secção Feminina gozam do desconto de 50%.

•
Séde Social :
Rua Avanhandava, 316
S. PAULO — BRASIL
Fone : 2-0937

ANO IV — N.º 45

JANEIRO DE 1950

A Nota do Mês

Após longa e carinhosa incubação, assistimos finalmente á eclosão do anunciado 1.º CONCURSO CINEMATOGRAFICO NACIONAL PARA AMADORES, organizado e promovido pelo Foto-cine Clube Bandeirante, num brilhante início de atividade para 1950.

Não confundamos, porém, Concurso Cinematográfico Nacional com Cinema Nacional. Qualquer semelhança será méra coincidência. Mesmo porque, com relação ao segundo, acontece uma coisa curiosa: é que não existe propriamente cinema nacional, mas simplesmente cinema, que muita gente no Brasil gostaria de fazer bem feito e ainda não está credenciada para tanto.

E porque o cinema bem feito é difícil, nada justifica entroná-lo como um dos magnos problemas da nacionalidade. Mais acertado será enfrentar os tropeços que se deparam e procurar supera-los.

Acreditamos não ter sido outra a posição assumida, no caso, pelo nosso companheiro Silva Victor, diretor do Departamento Cinematográfico do Fc. C. B.. Primeiramente, conhecer a força daqueles que fazem cinema entre nós. Depois, verificar as falhas, as deficiências, as imperfeições e procurar saná-las de um modo objetivo. A isto chama-se começar pelo começo.

Nasceu, então, a idéia de um Concurso entre amadores por representarem estes o que ainda existe de ingênuo, pessoal e creativo no cinema documentário e estético. São os que vêm agindo pela própria inspiração, divorciados inteiramente de interesses secundários de qualquer espécie. Constituem, pois, material mais útil para uma tentativa de aperfeiçoamento.

Realizado que foi o concurso, duas verdades ficaram patentes: o enorme interesse despertado entre os aficionados e o índice sofrível no que concerne á qualidade técnica e artística dos trabalhos inscritos.

Dessas duas verdades, resultou a terceira: a necessidade inadiável de conjugar esforços num trabalho sistematizado de equipe, objetivando a divulgação de conhecimentos imprescindíveis para que o cinema entre os nossos amadores transponha definitivamente a barreira das tentativas tímidas e por vezes pueris.

Por isso mesmo um dos órgãos mais prestigiados da nossa imprensa lembrou a necessidade de serem promovidos, pelo Foto-cine Clube Bandeirante, seminários sôbre cinema, a exemplo do que vem sendo feito com tanto êxito sôbre Arte Fotográfica. Não há dúvida que seria u'a medida de muito acerto e estamos convictos de que a Diretoria do F. C. B. saberá aproveitar a sugestão.

O que resulta é que esse primeiro concurso marcou uma etapa decisiva na evolução do cinema entre os amadores e pelo sucesso alcançado, cumprimos calorosamente o seu inspirador: Antonio da Silva Victor.

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotografica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe fôr dirigida quanto ás suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia amadorista. Outrosim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

Toda correspondencia deve ser dirigida para a séde social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE - Rua Avanhandava, 316, S. Paulo, Brasil.

ARTE, SUBJETIVISMO E FOTOGRAFIA

Aldo A. de Souza Lima

Ao tentarmos discutir a questão do objetivo e do subjetivo em Fotografia, antes de mais nada, é necessário localizar, precisamente, o campo em que vamos lidar. Se, o que não é o caso, estamos em presença dos eternos descrentes, daqueles que se ufanam em fazer graçolas sobre a "artezinha mecanizada", melhor seria não trazer a baila questão alguma, pois a mente escassa daqueles elementos jamais poderá atingir que uma arte processada através uma objetiva possa ser subjetiva. Dizer isto ou declarar que tal arte não é arte teria idêntico significado.

No outro campo, naquele em que vivemos, onde conhecemos as possibilidades da Fotografia, seu valor artístico, suas dificuldades e realizações, não só é possível cogitar do assunto como, até certo ponto, é indispensável.

Ao iniciarmos mais justo será estudarmos a forma pela qual se realiza o processo artístico e daí partirmos para as cogitações do nosso tema. Assim é que se continuarmos arraigados às definições e conceitos de arte que nos ensinaram nos bancos do grupo, completamente impossível se tornará a compreensão do real significado das expressões em apreço.

A Filosofia em sua eterna busca dos primeiros princípios procurou alicerçar as artes das mais variadas formas. De maneira geral, no entanto, fixou seus fundamentos em conceitos normativos como o belo, o bom, o verdadeiro. Aristoteles, mais acertadamente, já distinguia, em princípio, a Estética da Ética o que constituiu a semente para o isolamento do conceito de bondade na obra artística. O desenvolvimento da estética através dos tempos foi modificando as idéas antiquadas e Kant já declarava que "o belo artístico não é uma cousa bela, mas a bela representação de uma cousa". Os conceitos atuais, cristalizados após dezenas de teorias, é totalmente diverso. Enquanto os filósofos debatiam-se em torno dos ideais da arte, permitindo-se cercar as inspirações e os arroubos artísticos em benefício de teorias pré-estabelecidas, a Estética moderna, vencendo os obstáculos, alargou os horizontes, facilitando o pleno aproveitamento da capacidade de criação.

Nesse desenvolvimento o elemento básico foi o perfeito conhecimento do que faz, de uma obra humana, uma obra de arte. Eis o problema da Estética atual: o atributo comum existente nas várias realizações humanas (i. é, nas várias artes) que as tornam artísticas.

Nesta pesquisa dois métodos foram empregados: o objetivo e o subjetivo. Naquele procurou-se analisar a manifestação física da arte mas, como é óbvio, nenhum atributo comum pode ser encontrado entre palavras, fórmulas, cores e sons. O processo subjetivo, todavia, aclarou, em definitivo, a questão. Por meio dele tentou-se conhecer a atitude própria da mente humana quando nela se processava uma criação artística. Desta forma concluiu-se que a atividade humana que produz a obra de arte é a "imaginação". Através dela o artista reage diante do mundo exterior expressando seus próprios sentimentos por meio dos elementos materiais de qualquer uma das artes. "A imaginação é, portanto, a visão interna que observa o âmago do assunto e dele parte para a exteriorização. Nisto se distingue da pura fantasia que foge a qualquer realidade e assume o aspecto de mero capricho. A imaginação em lugar de fugir á realidade, nela penetra de forma a revelar o que não pode ser alcançado pela razão, e que se apresenta como a misteriosa essência da própria realidade".

Assim, desde que os sentidos fornecem as primeiras experiências do ser humano, perante o mundo, a imaginação delas forma a visão própria e interior que constitui a sensação individual das excitações sensoriais.

Neste processo que parte das sensações sensitivas e termina no trabalho imaginativo, o artista demonstra a sua individualidade por meio do "sentimento". Vemos pois que as bases da obra de arte estão nos sentidos e no sentimento. Todavia enquanto o artista se achar apegado, exclusivamente, a estes fundamentos ele não poderá criar. A criação se dará quando, de posse da sensação e do sentimento, ele se afastar da razão pura permitindo que a imaginação opere a sua verdadeira função de transmitir a visão interna.

O pintor, pelos sentidos, vê, num campo aberto, a imagem de uma árvore. Em nada lhe interessa a espécie, gênero ou idade da mesma. O que ele vê é a simples aparência, ou seja, a massa escura contrastando no céu claro. Aquela aparência desperta nele um sentimento análogo áquele motivado pela visão de um ser humano: ele sente que a árvore é forte ou fraca, calma ou agitada, modesta ou orgulhosa, admirável ou digna de compaixão. A realidade objetiva é a árvore enquanto que a subjetiva, criada pela

imaginação do artista, é o que chamamos o "carater" — isto é, a que, por meio do sentimento, tornou-se a visão interior. Daí a definição de arte dada por Venturi: "Arte é a forma dada pela imaginação humana ás suas experiências sensoriais e sentimentais".

Aclarou-se, desta forma, indiretamente, o sentido do subjetivismo por meio do estudo do processo de criação da obra de arte que, segundo vimos, é totalmente cerebral, servindo a realidade objetiva como fator de inspiração — mero agente necessário ao despertar do processo creador subjetivo.

Arte é, portanto, o final de uma causa subjetiva. Objetivismo não é arte: é cópia.

Esta asserção trará, certamente, a indignação daqueles apegados a uma das mais clássicas definições de arte: "Arte é a imitação da natureza". Tal definição oriunda dos tempos em que o maior valor da obra de arte dependia dos objetos exteriores que representava, errôneo como vemos, pode ser combatido pela simples consideração de que "natureza", filosoficamente, tem inumeros significados. Entre estes se contam, também, a aparência sensorial de povos e cousas, bem como seus caracteres. A arte tem, realmente, uma grande relação com tais elementos mas precisamos considerar que o artista escolhe dentre os aspectos da "natureza", aqueles que se enquadram em seus sentimentos melhor expressando a visão creada por sua imaginação. Desta maneira não houve imitação alguma e sim uma simples escolha de elementos que se adaptavam, após transformações devidas, a uma realização imaginativa.

E na Fotografia; o processo é idêntico?

Sim; apesar de sofrer modificações inherentes aos meios de que dispõe esta arte. Aqui a experiência dos sentidos tem que ser mais cuidadosa pois não podemos, regra geral, introduzir elementos estranhos ao que se depara diante da câmara. A capacidade de seleção do fotógrafo com referência ás imagens sensoriais tem que ser a mais acurada possível. Após o primeiro embate da visão, a imaginação dela formará, normalmente, a realidade e, em seguida, no trabalho de execução, é indispensável volver ao objeto afim de analisá-lo, detalhadamente, sob o prisma daquela realidade subjetiva.

Não só neste ponto se manifesta o processo artístico subjetivo no meio fotográfico. Que diremos dos córtes que

podem alterar completamente o poder expressivo de um trabalho; do uso dos papéis cuja textura, coloração e grau podem modificar, e realmente o fazem, todo o valor da chapa; das viragens, dos trabalhos de transformação, leves que sejam, obtidos nas ampliações? Enfim, em todos estes detalhes manifesta-se a realidade interior imaginativa do artista fotográfico. Em todas elas são acrescidas parcelas de sentimento individual e estas, somadas, formarão, no conjunto final, ão a representação objetiva do motivo fotografado que por vezes não tem, e nem precisa ter, o menor valor intrínseco, mas sim o resultante creativo que a imaginação do autor dela extraiu. O processo creativo na arte fotográfica é, desta forma, perfeitamente subjetivo.

Subjetivismo, portanto, nada mais exprime que o verdadeiro processo cerebral na criação de uma obra de arte. Nada tem a ver, diretamente, com expressionismo, impressionismo ou introspectivismo, como se poderia supor, ou com qualquer das escolas da pintura.

E a representação pura, simples e perfeita do objeto obtida pela fotografia?

— Nada tem de artístico, ainda que possa determinar uma excelente técnica. Sòmente isto.

Técnica é um dos elementos para a consecução da obra artística e de per-si nada vale. O desenvolvimento da técnica não constitue um artista: forma um "virtuose". E' um meio na obtenção de um fim. Quando boa ela serve á imaginação creadora facilitando-lhe a tarefa; quando má lhe perturba. Nisto, e exclusivamente nisto, acha-se o seu verdadeiro significado e valor.

Mas... "isto é uma outra história".

NOVOS SOCIOS

A campanha para o aumento do quadro social — alicerce básico do nosso Clube — continúa com grande entusiasmo, e na última reunião, a Diretoria aprovou mais as propostas dos seguintes aficionados:

Inscrições nrs.: 722 — Sergio Prudente Correa, S. Paulo; 723 — José Pereira de Queiroz Neto; 724 — Jean Lecocq, S. Paulo; 725 — Vernon August Fagin; 726 — Sadayochi Tamura; 727 — Alfredo F. de Vasconcelos, S. Paulo; 728 — Attilio Grossi, S. Paulo; 729 — J. de Castro Neves; 730 — James F. Sunderland Cook; 731 — Dr. Pedro Cabello Campos, S. Paulo; 732 — Emilio Pelosi, S. Paulo.

★ Propor novos sócios é o dever de todo bom sócio ★

Como montar diapositivos em vidros

A conservação dos diapositivos é um dos problemas que afligem os aficionados da fotografia em cores. A "Sales Service Division" da Kodak, recomenda o seguinte método, cujo processo de execução transcrevemos do folheto recebido pelo Clube :

Os diapositivos expostos ao calor dos projetores de grande intensidade luminosa, frequentemente acabam enrugando, e si não estiverem perfeitamente montados e protegidos, ficam riscados, empoeirados e apresentam, finalmente, imperfeições tais que a sua projeção se torna bastante desinteressante.

A prática atual de montar os diapositivos entre duas pequenas e finas placas de vidro, asseguram-lhes alguma proteção, sem constituir, contudo, uma solução completamente satisfatória para o problema, porquanto este tipo de montagem também apresenta alguma deficiência. E' algo volumosa e nem sempre mantém o diapositivo em posição adequada para a projeção; alguma poeira póde penetrar entre as duas placas de vidro e algum pequeno movimento poderá riscar o diapositivo pela pressão das partículas de pó sôbre a emulsão.

Uma solução quasi perfeita e que satisfaz ao amador é a de montar o diapositivo, cimentando-o ao vidro. Assim, ele poderá alcançar muitas das características mais aconselháveis, ao mesmo tempo em que resolve as deficiências já mencionadas.

Muitos processos poderão ser empregados para a montagem de diapositivos pelo cimento. No processo que vamos descrever, emprega-se um cimento à base de gelatina, o que faz a emulsão do diapositivo aderir à superfície gelatinada do vidro do "slide".

Os diapositivos revelados ha pouco tempo, apresentam melhor resultado quando assim preparados. Os diapositivos velhos, cuja gelatina já se encontra muito seca, especialmente aqueles utilizados em projeções com mais frequência, com toda certeza não ficarão sólidamente presos ao vidro. Os diapositivos que se apresentam enrugados ou dobrados, comumente não cimentam com perfeição. De qualquer forma, a maioria dos diapositivos fica satisfatoriamente montada si forem observadas as indicações a serem assinaladas.

Dependendo o resultado do maior ou menor nível técnico empregado na montagem dos diapositivos, sugerimos que os primeiros a serem montados sejam escolhidos dentre os de menor valor. Para obter melhor resultado, recorra a um dia-

positivo novo e bem plano; si ele apresentar alguma ondulação, coloque-o entre duas folhas de papel e comprima-o com o Ferro de Montar a Seco Kodak.

1 — Remoção do diapositivo da montagem

Muitos diapositivos quando voltam do laboratório, já vêm montados. Para removê-los deve-se cortar a tira da parte superior e que mede aproximadamente $\frac{1}{4}$ de polegada. Tesouras bem afiadas devem ser utilizadas para esse trabalho. O melhor ponto para efetuar o corte será logo abaixo da palavra Kodacrome. Pode-se, então, retirar o diapositivo sem qualquer esforço e sem retorcê-lo.

2 — Remoção do verniz do diapositivo

Antes de se fazer a cimentagem do diapositivo, deve-se processar à remoção do verniz protetor que recobre a emulsão. E' necessário também remover toda partícula de pó ou mesmo de gordura, o que se realiza quando o verniz é removido.

Deixe o diapositivo a ser cimentado descansando sôbre uma toalha com a parte lisa ou a emulsão virada para cima. Molhe um algodão num dos solventes abaixo indicados e limpe suavemente o lado da emulsão, algumas vezes, deixando uma leve camada de solvente sôbre a mesma. Rápida e sem muita pressão, remova o excesso de solvente com um pedaço de pano macio. Mesmo que um pouco de solvente ainda permaneça sobre a emulsão, não ha qualquer risco porquanto todos os solventes indicados têm evaporação muito rápida. E' importante evitar de retirar o excesso de solvente com alguma violencia do que permitir que com esse movimento fique prejudicada a emulsão do diapositivo.

Como é bem possível que alguns dos solventes não sejam encontrados no mercado, indicamos diversos tipos de acordo com suas qualidades:

- a) Mistura de 95% de alcool etílico com 5% de alcool metílico.

Esta mistura é classificada como Alcool Especial Desnaturado, Fórmula 3A, pelo Dept. do Tesouro dos Estados Unidos. Não pode ser vendida, adquirida ou transportada a não ser com licença e de conformidade com as recomendações do Dept. do Tesouro.

- b) Alcool desnaturado — E' encontrado na maioria das farmácias. Qualquer grau de alta pureza.
- c) Mistura de uma colher de chá de Bicarbonato de Sódia dissolvida em um copo de água. — Não é muito recomendável este solvente, a não ser em casos de emergência, porque a emulsão fica de tal forma amaciada que se torna imprescindível um período de 8 horas de secagem, em condições de absoluta proteção contra a poeira.

Para se constatar si o verniz foi ou não totalmente eliminado, deve-se examinar o diapositivo com uma luz refletida. A superfície da emulsão devera se apresentar áspera; qualquer vestigio de verniz aparecerá brilhante.

3 — Secagem do diapositivo limpo

Si foi empregado algum dos solventes orgânicos, o diapositivo secará muito rapidamente e a cimentagem pode ser executada quasi em seguida. Contudo, si utilizou a solução aquosa de bicarbonato de sódio, o diapositivo deverá ser lavado em água limpa e ficar secando, pendurado, num ambiente rigorosamente protegido contra a poeira. Usualmente, essa secagem exige de seis a oito horas.

4 — Colocação do diapositivo no vidro

Coloque o diapositivo limpo e seco sobre uma toalha limpa e seca, com a superfície brilhante para o lado superior. Prenda um pedaço da "Fita de colar Kodak" ao longo de uma das margens do diapositivo, deixando que fique preso pela metade da fita. Esta porção da fita deverá ser do mesmo comprimento do diapositivo ou ligeiramente menor. Coloque uma placa de vidro gelatinado de 2x2 polegadas (*) sobre a toalha, estando a parte gelatinada para cima. Para ter certeza disso, procure raspar com um objeto pontagudo um dos cantos do vidro. A gelatina ficará riscada si o lado estiver certo.

Podemos sugerir um método rápido e eficiente para colocar o diapositivo no vidro; consiste no emprêgo de u'a montagem (ver o item 8 — Montagem do diapositivo) cimentada numa folha transluminada de vidro, com guias presas em baixo e num dos seus lados, e contra a

qual o diapositivo póde ser enquadrado. Com este método, a colocação exata do diapositivo póde ser acompanhada visualmente quando estiver sendo definitivamente colocado no vidro.

Coloque a placa de vidro, com o lado gelatinado para cima; sobre ela coloque o diapositivo já com a fita, enquadrando-o até ficar perfeitamente concorde com as guias da montagem, quando, então, será procedida a colagem da fita, bem fortemente.

5 — Cimentagem

Usando o polegar e o indicador, segure a placa de vidro pelos cantos opostos àqueles em que o filme está preso. Com a outra mão, dobre o diapositivo para trás, levantando-o do vidro — a fita está servindo de dobradiça — e com uma seringa faça expelir todos os residuos de poeira que porventura ainda se encontrem sobre o vidro ou o diapositivo. Também poderá ser empregado um pincél de pêlo de marta para esse fim. Mantendo o vidro seguro pelos cantos, mergulhe só o filme numa solução de gelatina preparada de acordo com as instruções dadas no final. Si uma pequena parte do vidro tiver de ser molhada para cobrir perfeitamente o filme, isso não terá importância especial.

Retire o filme da solução e mantendo-o afastado do vidro, coloque a beira do vidro ao qual êle está preso entre rolos de um secador. O secador aqui utilizado pode ser o do tipo de rolos de borraça. Os rolos devem ser macios e lisos, com superfície igual e devem girar livremente. Deve ser ajustada a pressão de tal forma que o "slide" possa atravessá-los sem dificuldade. Depois de ter cada "slide" passado, os rolos devem ser limpos do excesso de gelatina, por meio de um pano molhado em água quente. Se ficarem residuos de gelatina sobre os rolos, sua superfície irá se tornando áspera e desigual. Usando, então, um movimento igual, comprima o filme ao vidro. Não deixe que o filme caia sobre o vidro quando estiver sendo pressionado pelos rolos, porque isso poderia causar a formação de bolhas de ar entre o diapositivo e a placa de vidro.

A solução de gelatina empregada nessa imersão acima citada consiste em: água destilada, 1% de água Emulphor e 2% de gelatina Knox. A água Emulphor é uma solução de 1% de Emulphor O, um agente

(*) — Os vidros gelatinados de 2x2-polegadas podem ser adquiridos da Kodak. Pedido mínimo de 1.000 placas. Como expediente de última hora podem ser empregadas as placas do tipo de lanterna; elas deverão, porém, ser fixadas em hypo, lavadas e secas pelo menos durante 24 horas.

secante distribuído pela General Dyes-tuffs Corporation (435 Hudson Street, New York). Recomenda-se ter á mão um estóque de solução de água de Emulphor a 1%. Poderá ser preparada dissolvendo-se 1 grama de Emulphor em 100 cc. de água destilada, ou 1 onça em 2 quartos. Mistura 18.ºcc. de água destilada, 20 cc. de água de Emulphor a 1% e 4 gramas de gelatina Knox (16 onças de água destilada, 1½ onça de água de Emulphor a 1% e ½ envelope de Gelatina Knox), aqueça a mistura até quasi 100°F, mexendo sempre. À essa altura a solução deverá estar límpida. Deixe esfriar à temperatura ambiente antes de utilizá-la. Si ficar muito viscosa, aqueça-a ligeiramente. A solução deverá ser preparada no dia.

6 — Resfriamento e limpeza do diapositivo cimentado

Depois de ter passado o "slide" no secador, mergulhe-o num recipiente contendo água fria, tendo cerca de 1 onça da solução a 1% de Emulphor O para ¼ de água. A finalidade deste tratamento é a de fixar e endurecer a gelatina. O fato, pois, da água estar fria é muito importante. Mantendo o "slide" cerca de 30 segundos dentro da água, retire-o em seguida e com a ponta da unha levante um dos cantos da fita com a qual segurou o diapositivo á placa de vidro. Cuidadosamente, retire a fita, puxando-a para fóra do filme no plano do vidro. Torne a mergulhar o "slide" na água e suavemente esfregue ao redor e sôbre o filme com os dedos para remover o excesso de gelatina.

Deixe o "slide" secar por alguns segundos e examine-o à luz refletida e projetada para verificar se não ficaram formadas bolhas de ar ou outros defeitos de cimentagem muito destacados. Si a cimentagem não foi perfeita, o diapositivo poderá ser retirado seguindo as recomendações do item 7 e re-cimentados conforme as indicações já apresentadas. Deixe o "slide" numa esteira para secar e escorrer. O Emulphor colocado na água fará com que o "slide" séque por igual, sem manchas. Este trabalho exige cerca de 8 horas de secagem, à temperatura ambiente.

7 — Remoção dos diapositivos imperfeitamente cimentados

Diapositivos cimentados em vidro pelo processo acima descrito podem ser removidos, lavados, secos e recimentados. A este recurso só se apela em casos de emergência, mesmo porque só deve ser utiliza-

do quando necessário, porquanto é muito mais difícil recimentar o filme satisfatoriamente e também porque as cores do diapositivo sofrem pequena modificação.

Si o filme vai ser retirado logo após ter sido cimentado e antes do cimento ter secado completamente, segure o "slide" com o lado do filme para cima, em água quente corrente. A água deve ter uma temperatura que as mãos possam suportar. Depois de ter colocado o "slide" nessa corrente de água por uns 30 segundos, descole um dos cantos da montagem. Deixe a água penetrar pela abertura e com os dedos, suavemente, retire o diapositivo, tão rapidamente quanto o permita o amolecimento da gelatina. Retire o vidro do "slide" e mantenha o diapositivo sob a água quente, esfregando delicadamente o lado da emulsão com os dedos para retirar toda gelatina que ainda possa ter ficado. E' fácil saber si ainda existe gelatina sôbre a emulsão, porque ao passar o dedo haverá a sensação de maciês escorregadia, cousa que a emulsão verdadeira não apresenta.

Si o "slide" cimentado já se encontra seco, coloque-o num recipiente com água quente à temperatura de 100°F., e deixe-o de molho por 24 horas. Deixe a água esfriar até a temperatura ambiente. Depois de estar de molho, o diapositivo poderá ser retirado conforme as prescrições dadas acima.

O diapositivo que tenha sido retirado de um "slide" de vidro e tenha sido completamente lavado, estando livre de qualquer residuo gelatinoso deverá ser pendurado, de cabeça para baixo, num lugar à prova de poeira, para que a emulsão, um pouco amolecida pela ação da água quente, não seja prejudicada pelo contacto com algum objeto ou possa absorver poeira, antes de se ter completado sua secagem e estar perfeitamente consolidada. Antes de ser recimentado, deve permanecer em secagem, à temperatura ambiente, pelo menos durante oito horas.

8 — Montagem do "slide"

"Slides" secos e cimentados poderão ser usados sem a montagem, porém isso não é aconselhável. Ela não só protege o diapositivo contra arranhaduras e sujeira, como também o filme será melhor protegido do calor da projeção si for empregada uma do tipo metálico.

O melhor tipo é o feito com uma delgada folha de metal como 0.010 alumínio. Poderão ser feitas, mediante especificação, por uma oficina aparelhada. Si não for possível obter com um fabricante da localidade, a Kodak poderá fornecer partidas de 1.000 montagens ou mais, de acordo com pedidos especiais.

Para prender a montagem ao "slide", puxe uma tira de cerca de 4 polegadas de comprimento de um rolo de fita gomada Kodak. Não corte a tira do rolo, deixe-a como puxou, com a parte gomada para cima, sobre a mesa de trabalho. Coloque a montagem na posição que corresponde ao lado do filme do "slide" e fixe o vidro e a montagem pelos bordos, ao

centro da fita gomada. Gire o "slide" já enquadrado, fazendo-o seguir a fita gomada até que esta recubra os quatro lados. Nos cantos, corte pequenos pedaços triangulares da fita, para que ela não seja dobrada ou montada em duas grossuras. Feito isso, dobre os bordos da fita gomada sobre as beiradas e lados da montagem e do "slide".

O 1º Concurso Cinematográfico Nacional para Amadores

A Sessão Pública

Concluídos os preparativos para a realização do I Concurso Cinematográfico Nacional para Amadores, patrocinado pelo Foto-cine Clube Bandeirante, teve lugar no auditório do jornal "A Gazeta", gentilmente cedido pela direção daquele vespertino, a sessão pública para seleção e julgamento dos filmes inscritos neste vitorioso certame.

Reunindo a participação dos amadores Adolfo A. Pinto da Silva, Paulo Minervini, Henrique Hirschfeld, Acacio Ribeiro Vallim, Luiz G. Marcondes Nitsch, Arnaldo M. Florence, Manoel Morales Filho, D. Ivonete Yazbek Assad, Pedro Cabello Campos, Jean Lecoq, Estanislau Szankowsky, Thomas J. Farkas e Luiz Andreatini, o concurso apresentou 14 filmes — 4 em 8 mm. e os demais em 16 mm. —, abrangendo as duas categorias gerais: filmes de argumento e documentários.

Pela primeira vez levado a efeito entre nós uma exibição dessa natureza, re-

presentando o trabalho e esforço individual de cada participante, foi excepcional o interesse demonstrado pelo público que afluiu em massa, esgotando em poucos minutos a lotação do auditório e se comprimindo pelas portas laterais durante três horas e 15 minutos que foi por quanto tempo se prolongou a projeção. Muitos outros, inclusive diretores do Clube, tiveram de regressar da porta de entrada, onde numeroso grupo ainda se comprimia, esperando uma chance de subir e encontrar um lugarzinho!

Para os "bandeirantes", constituiu motivo de imensa satisfação a acolhida dispensada pela seleta assistência que acompanhou e aplaudiu, com entusiasmo, as melhores realizações dos amadores, autênticos "pioneiros", os quais corajosamente, venceram aquela inibição que afastou deste primeiro certame muitos destacados cinegrafistas, experimentados e inteligentes. Sentimos, por parte daquele numeroso auditório, uma compreensão de tal forma elogiável, em face da timidez e mesmo ingenuidade de alguns filmes apresentados, que nos encontramos sinceramente agradecidos por mais essa demonstração de cordialidade.

Julgamento

Entregues os trabalhos de seleção dos filmes à Comissão composta dos srs. Alfredo Vasconcellos, Antonio da Silva Victor, Benedicto J. Duarte, Carlos Ortiz e Orlando Nasi e, adotando esta as recomendações técnicas da Divisão de Cinema da The Photographic Society of America, foram examinados os seguintes filmes, segundo a ordem de projeção:

"Despejo", de Adolfo A. Pinto da Silva.

"Noite Feliz", de Paulo Minervini.



Aspecto parcial da numerosa assistência que lotou inteiramente o auditório da "Rádio Gazeta".

“O Roubo Atróz”, de Henrique Hirschfeld.

“5 Minutos no Rio”, de Adolfo A. Pinto da Silva, (documentário).

Em 16 mm. só documentários :

“Espetáculo de Sonja Henie no Madison Square Garden”, de Acacio Ribeiro Valli, (Kodachrome).

“Artífices de Amanhã”, de Luiz G. Marcondes Nitsch.

“Brasil x Bolívia”, de Arnaldo M. Florence e Manoel Moraes Filho.

“Usina Siderúrgica de Mineração Geral do Brasil”, de D. Ivonete Yazbek Assad, (Kodachrome).

“Clube de Pesca de Santos — Ilha das Palmas”, de Pedro Cabello Campos, (Kodachrome).

“Vamos Pescar no Itapura?”, de Pedro Cabello Campos.

“Viagem ao Norte”, de Jean Lecoq, (Kodachrome).

“Vistas da Bahia e Recife”, de Jean Lecoq.

“Haras Jaberave”, de Estanislau Szankowsky, (Kodachrome).

“Estudos”, de Thomas J. Farkas e Luiz Andreatini.

Distribuição de Prêmios

Reunida na noite de 23, na sede do Clube, a Comissão deliberou somente premiar os filmes que, pela pontuação total dos juizes alcançasse a média mínima de 60%. Nestas condições, foram laureados os seguintes :

“Haras Jaberave”, com 353 pontos, média final 70,6%, 1.º prêmio do Clube, na categoria de documentário em 16 mm. e Taça “Wolff” pelo melhor filme colorido. A Comissão Julgadora deliberou recomendar um “Prêmio Especial” ao filme “Estudos”, de apreciável nível cinematográfico e que por não se enquadrar em nenhuma das duas categorias gerais do certame, fazia, contudo, jús à uma distinção dessa natureza. Emprestando inteiro apôio à deliberação da Comissão, o sr. Orlando Nasi, representante dos jornais “A Gazeta” e “A Gazeta Esportiva”, determinou fosse outorgada a Taça “A Gazeta” como o “prêmio especial” recomendado, aos autores do filme “Estudos”



O júri do 1.º Concurso Nacional de Cinema Amador em plena atividade.

e a Taça “A Gazeta Esportiva”, ao sr. Pedro Cabello Campos, pelo filme “Vamos Pescar no Itapura?”, cuja nota final, no boletim daquele juiz, atingira 68 pontos. A Livraria do Triângulo ofereceu um exemplar do livro “La Technique du Film” para ser atribuído ao filme de melhor técnica e, nestas condições foi o prêmio conquistado pelos srs. Thomas J. Farkas e Luiz Andreatini, realizadores do filme “Estudos”, o qual obteve nos itens II e IV de classificação o total de 303 pontos.

Entrega dos Prêmios

No dia 11 de fevereiro, às 16,30 horas, na sede social serão entregues os prêmios conquistados pelos amadores acima indicados.

Agradecimento

A Diretoria do Foto-cine Clube Bandeirante deseja agradecer, vivamente, a colaboração emprestada por todos os amadores inscritos no I Concurso Cinematográfico, aos ilustres membros da Comissão Julgadora que tão prontamente atenderam ao nosso convite e, de forma especial, à ilustre direção dos jornais “A Gazeta” e “A Gazeta Esportiva”, pela valiosa oferta dos troféus e cessão do auditório, o que contribuiu para maior sucesso desta realização “bandeirante”.

Ao público paulistano o nosso “muito obrigado” pelo apôio e estímulo que nos trouxe, recebendo com tanto entusiasmo o I Concurso Cinematográfico Nacional para Amadores.

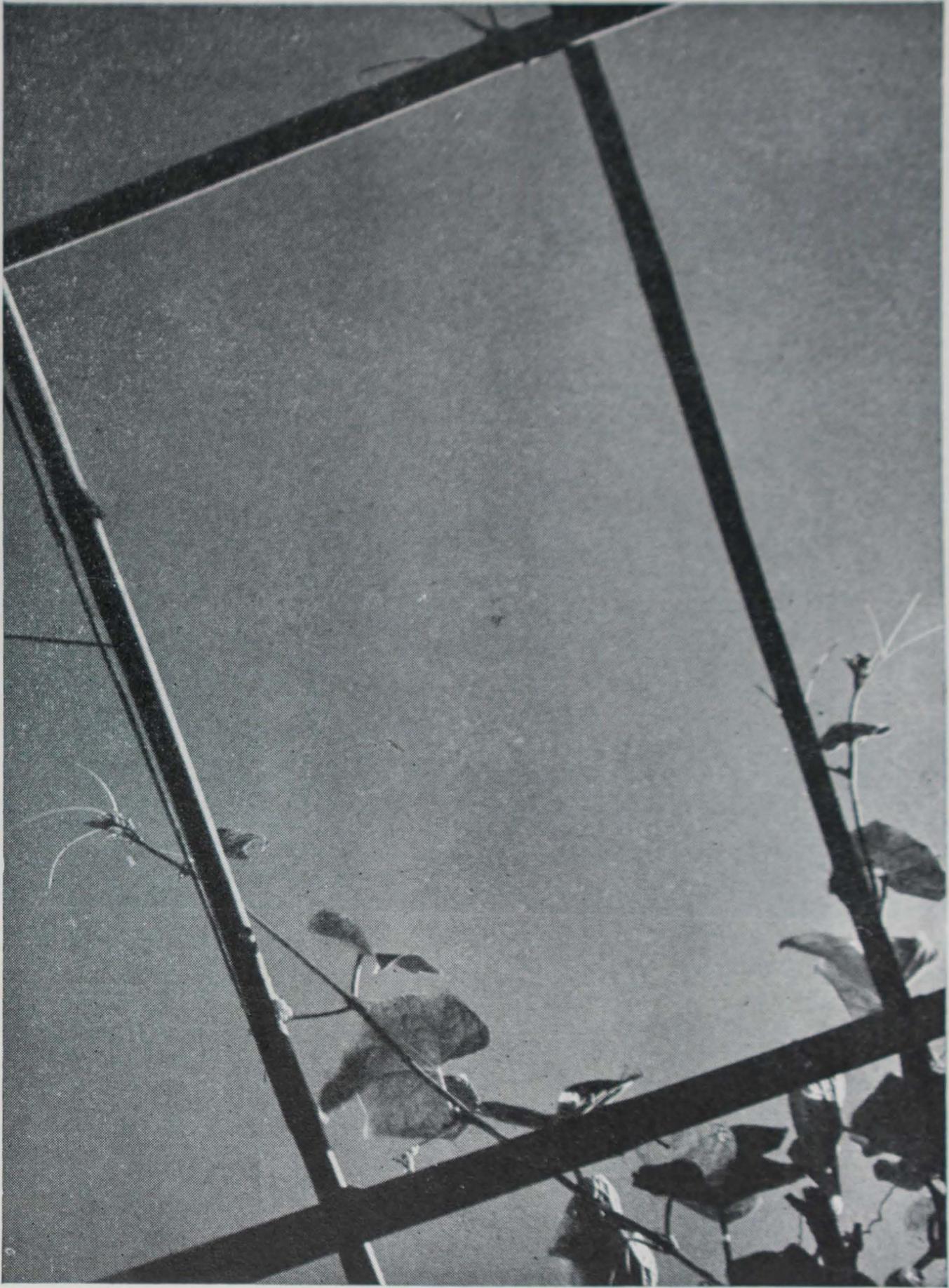
As Fotografias do Mês



"ÉRA ATÔMICA"
Roberto H. Yoshida



"ELIZABETH"
Fredí Kleeman



"VERÃO"
Kazuo Kawahara



"CENAS QUOTIDIANAS"
German Lorca

Mais um Seminário de Fotografia

Conforme fôra anunciado, teve lugar na noite de 19 do corrente mês de janeiro mais um seminário de fotografia. As vivas e inesperadas discussões travadas, desta vês se cingiram mais ao conteúdo dos trabalhos do que às técnicas empregadas, mantendo sempre atentos os assistentes que lotaram completamente a sala nobre da sede social. Aliás, ao observador atento, não tem passado despercebida essa preocupação dos nossos aficionados da arte fotográfica, que se voltam mais para o espírito, para a idéia, ou seja o "conteúdo" do quadro, não se perdendo em minúcias de ordem puramente técnica, demonstrando, assim, terem compreendido perfeitamente que a técnica é simples meio e não um fim, e que, no dizer de Alejandro C. Del Conte, "ela deve ser tão perfeita que passe despercebida". Acreditamos mesmo tenha sido esta orientação um dos fatores do grande progresso que os aficionados do "bandeirante" vêm apresentando.

Como o anterior, este seminário foi orientado por Jacob Polacow, sendo as discussões anotadas por Alfio Trovato.

5.º SEMINÁRIO

1.º TRABALHO

"ÉRA ATÔMICA" por ROBERTO YOSHIDA

(pg. 11)

Técnica — App. Rolleiflex; filme Plus X; dois negativos: 1.º, abertura 5,6 com 1½" de exposição; 2.º, com abertura 8, 1" de exposição, fundo preto.

A fotografia dos círculos (1.º negativo) foi obtida fixando a câmara a um suporte e abrindo o obturador, na câmara escura; movimentou-se em frente à câmara, uma fonte luminosa presa a um fio, em forma de pendulo. Tempos de exposição: 1 minuto e meio.

A segunda fotografia — homenzinho — foi obtida com um bonéco, iluminado por um "spot" e uma "photoflood".

A ampliação foi executada com a superposição dos dois negativos. Papel Ilford, velvet.

ORIENTADOR — Qual a idéia que norteou o autor na execução desse trabalho? Foi o mesmo sugerido por algo que tenha visto semelhante?

AUTOR — A idéia é própria. Impressionado com as explosões atômicas, pensou executar algo que sugerisse a época "atômica" que estamos atravessando. Idealizou então o trabalho e passou à sua execução, a qual lhe ofereceu grandes dificuldades, na parte da execução dos círculos; vários métodos experimentados não deram o resultado que queria, quando uma revista técnica, em artigo publicado, lhe ofereceu dados suficientes para a execução do trabalho.

GERALDO BARROS — Indaga se o autor, ao idear o trabalho, planejou previamente a composição, o arranjo dos elementos, ou o compoz ao executar a ampliação mediante várias tentativas.

AUTOR — O arranjo dos elementos e sua disposição no quadro foram previamente concebidos.

ORIENTADOR — Colaborando com o autor, explica que no trabalho nota-se nitidamente ter havido a preocupação de harmonia e equilíbrio seja tendo em conta as massas dominantes, iluminação, etc..

GERALDO BARROS — Está inclinado a ver um certo "academismo" na composição, uma certa repetição que nota em grande número de trabalhos apresentados pelos colegas, de comporem seus quadros como que obedecendo uma só regra.

ORIENTADOR — Dado o habito, o bom fotógrafo observa insensivelmente as regras de composição; vindo a constituir, ao contrário, uma grande preocupação, a fuga proposital dos princípios e regras de composição quando, para se obter efeitos especiais, isto se torna necessário.

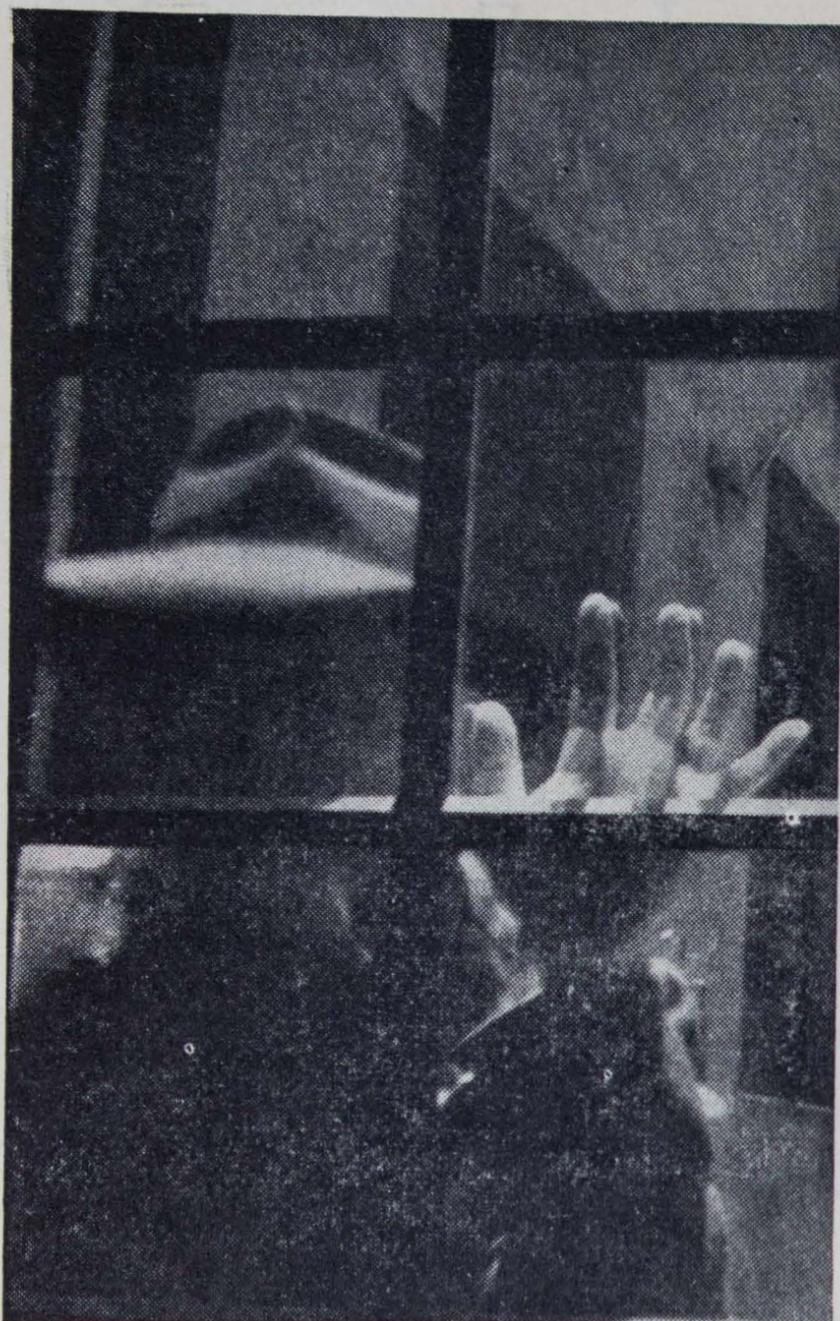
E. SALVATORE — Contesta a opinião de Geraldo não só quanto à fotografia em exame como no mais. Quanto àquela, denota ter havido um planejamento prévio seja da composição, seja das proporções. E, evidentemente, dentro do arranjo dos elementos planejado, outra não poderia ser a composição; outra não poderia ser a colocação da figura humana, caso contrário não haveria equilíbrio nem harmonia. Quanto à repetição de fotografias sob o mesmo ângulo, etc., isto não deve ser tomado como que resultado da orientação que o amador recebe no Clube. E' muito comum, principalmente nas excursões, se defrontarem vários associados com o mesmo assunto e mesmo que um não tenha visto trabalhar o outro, si a fotografia é colhida do mesmo ângulo, é simplesmente porque aquele é que é o ângulo certo e adequado.

ORIENTADOR — Apoia Salvatore. "Academia" no sentido empregado por Geraldo, não existe nem em pintura nem em fotografia. O artista é livre. Resta-lhe saber usar dessa liberdade, de forma a impressionar favoravelmente o observador.

CIRO A. CARDOSO — Voltando à fotografia, julga não ter o autor realizado seu objetivo, pois não se sente, através dela, o horror da época atômica.

MARIO H. DUTRA — O trabalho é harmonioso e isto não condiz com brutalidade, força, capaz de traduzir o que entendeu o colega precedente, conforme o exposto pelo autor.

ORIENTADOR — De fato, o predomínio das linhas curvas dá ao trabalho certa maciez, não traduzindo brutalidade, nem opressão. As linhas curvas se prestam para representação de ritmo, de beleza, sensualidade mesmo.



"MARGINAL"

Geraldo Barros

A. SOUZA LIMA — A própria figura é exaltativa e não dá, em absoluto, a idéia de estar tomada de pavor. Isto, porém, na sua opinião, em nada afeta o valor do trabalho e crê mesmo, que dando o título de "Éra atômica", o autor, muito embora se tenha referido á bomba atômica como inspiradora de seu trabalho, não quiz pròpriamente simboliza-la, com tôdas as suas consequências horrorosas, mas, simbolizar de preferência o descobrimento da energia atômica que não significa sòmente destruição, mas também progresso.

ORIENTADOR — De fato, considerando-se o título, o trabalho não foge ao seu objetivo, muito embora a realização não esteja plenamente de acordo com a idéia inicial do autor, desde que tinha em mente, simbolizar a força destruidora.

F. PALMERIO — Si o autor tivesse empregado uma figura humana ao envez de um boneco, completaria melhor a idéia.

E. SALVATORE — Não julga isso necessário. Trata-se de um trabalho simbólico, e como tal, o emprêgo de um boneco, aliás muito bem escolhido, simboliza melhor o homem-máquina, o "robot" a que o homem moderno está sendo pouco a pouco reduzido.

ORIENTADOR — Finaliza os debates, salientando as qualidades do trabalho e cumprimentando o au-

tor que vêm se revelando um dos de mais fértil imaginação e, sem dúvida, o nosso melhor aficionado do "table-top".

2.º TRABALHO

"MARGINAL , MARGINAL"

por GERALDO DE BARROS

Técnica — App. Rolleiflex — Filme Plux X — 5 minutos de exposição — filtro vermelho, Diafragma feito com cartão perfurado com alfinete, segundo técnica já adotada em trabalho que figurou no seminário anterior. Ampliação em Brovira.

AUTOR — Ele próprio posou para a fotografia, abrindo o obturador e indo postar-se diante da máquina; para dar idéia de movimento — tamborilar dos dedos sôbre a janela — movimentou-os cada cinco segundos.

E. SALVATORE — Não vê relação entre o título e o que a fotografia sugere; péde uma explicação da intenção do autor.

AUTOR — Entende-se por marginal, uma pessoa que se encontra mais ou menos á margem da vida, indeciza mesmo sôbre a atitude a tomar. Foi o que quiz sugerir com a fotografia em estudo.

E. SALVATORE — Mesmo com a explicação do autor, não encontra correlação entre a sua idéia e a execução, pois o quadro sugere mais uma pessoa que deseja entrar ou mesmo, de fóra, chamar a atenção de alguém dentro da casa.

M. H. DUTRA — A fotografia é mais subjetiva do que objetiva. Nesses casos o título deve completar a mensagem artística.

E. SALVATORE — Lembra a importância do título, ás vezes, tão importante como a própria fotografia. Muitos julgam o título coisa supérflua e mesmo desnecessária, e a maioria dos aficionados não lhe dão mesmo maior importância. Mas é inegável que pelo título pode-se melhor apreender da verdadeira intenção do artista e si muitas vezes diante da clareza da mensagem, o título pode ser dispensado, outras vezes torna-se absolutamente necessário um título adequado — coisa que não é fácil — para completar ou elucidar o pensamento do artista.

A. SOUZA LIMA — Apoia Salvatore e em abono de sua tese, exemplifica com a fotografia em estudo, a qual sendo subjetiva, o título que lhe foi dado, a seu vêr mal empregado, deturpa mesmo o que é sugerido pela fotografia. Não vê relação entre o título "marginal, marginal" e o conteúdo do quadro.

ORIENTADOR — Faz comentários sôbre objetividade e subjetividade de uma obra de arte.

Trava-se animada discussão da qual participam principalmente os srs. Polacow, Souza Lima e Hoepner Dutra, sôbre êsses problemas artísticos, á qual Salvatore põe termo, voltando a analisar a fotografia, e fazendo considerações sôbre o interêsse da

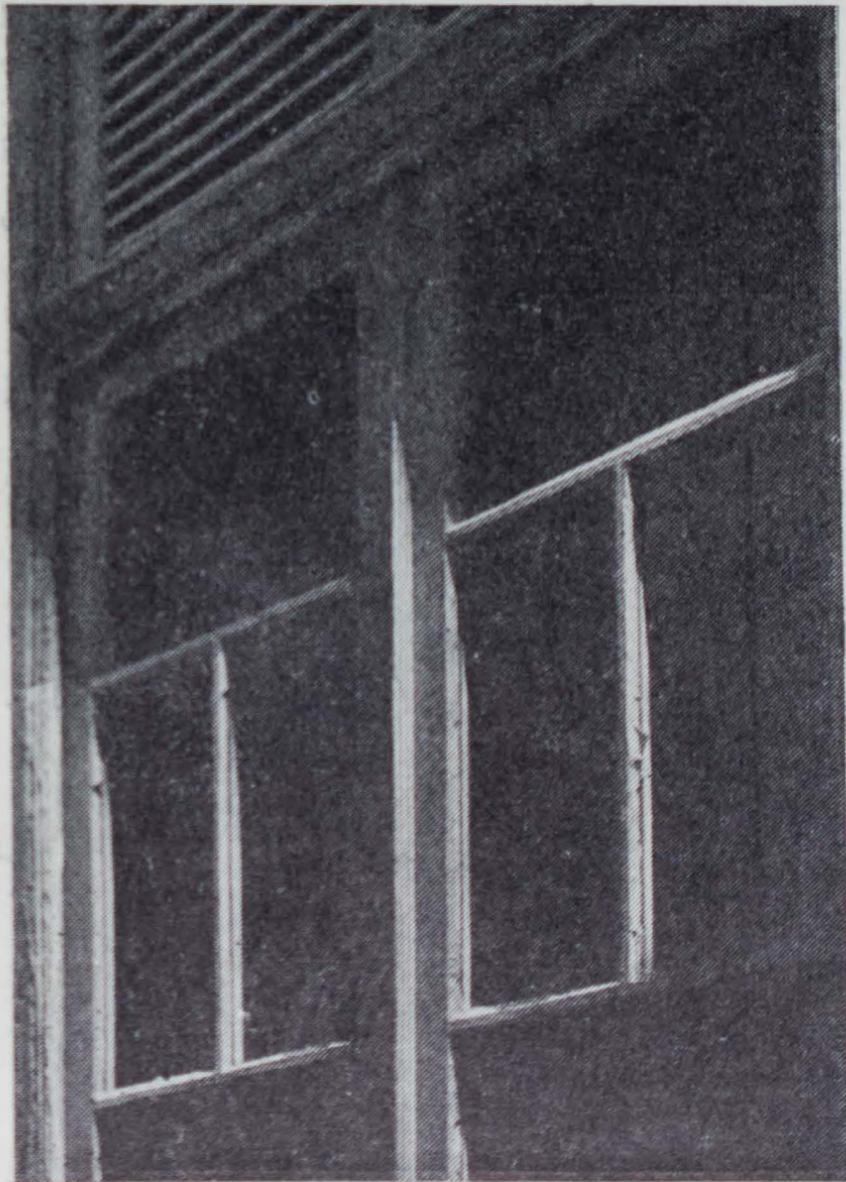
idéia de movimento dos dedos (tamborilar) conseguida na mesma.

ORIENTADOR — De fato este é um grande mérito da fotografia, salientando que a fotografia tem recursos que lhe permitem, dentro da arte estática, traduzir o movimento com bastante propriedade.

ANGELO NUTI — Critica as qualidades “fotográficas” do trabalho, julgando-o de técnica deficiente.

E. SALVATORE — No caso em aprêço, não considera a riqueza técnica, de importância, pois acima dela prevalece o tema, bastante forte, fazendo com que o observador não atente para as deficiências técnicas. Aliás no caso em aprêço, julga a difusão muito bem empregada, assim como a própria tonalidade para acentuar a atmosfera de mistério que o quadro sugere. A força está na concepção e não na técnica.

ORIENTADOR — De fato, a idéia prevalece sobre a técnica. Falta realmente à fotografia, um pouco mais de qualidade; há no entanto equilíbrio entre os elementos estéticos e anestéticos, elementos estes que podem fazer uma obra de arte apreciada em um lugar e época, e pouco apreciada em outros meios ou grupos sociais. Aqui, p. exemplo, os elementos (chapéu desabado) tem um significado especial para nós e nossa época. O trabalho é bom, obedeceu a uma concepção prévia, realizada com felicidade.



“JANELA FECHADA”

Sergio Trevelin

3.º TRABALHO

“JANELA FECHADA” por SERGIO TREVELIN

Técnica — App. Speed Graphic 6x9 — Filmpack Flux X — F:8, 1/25 seg. — filtro vermelho — Revelação em DK 20 — Ampliação em Brovira; revelador D-55.

AUTOR — Quiz, sugerir um ambiente pobre, através de um simples detalhe, como uma janela, procurando um ângulo adequado e um jôgo de luzes também adequado.

A. SOUZA LIMA — Acredita que o autor não conseguiu realizar plenamente sua intenção pois a janela fotografada não dá a impressão de casa pobre, concorrendo por outro lado as altas luzes, para desambientá-la ainda mais. Não deixa de ser, todavia, uma boa fotografia, embora não preenchendo completamente a intenção confessada pelo autor.

E. SALVATORE — Discorda um pouco do colega precedente. A fotografia consegue em grande parte o seu objetivo, traduzindo no simples detalhe de uma janela, um ambiente incontestavelmente pobre, si bem que não paupérrimo, como muitos desejariam.

ORIENTADOR — Quer lhe parecer que nesta fotografia houve uma hipertrofia da forma em detrimento do conteúdo. O jôgo de linhas geométricas conseguiu um equilíbrio plástico muito formal.

M. MORALES — Faltam elementos tais como, p. exemplo, vidros quebrados, teias de aranha, travessas carcomidas, etc., para dar melhor idéia de pobreza.

E. SALVATORE — Não vê porque se deva sempre jogar com elementos como esses ou outros semelhantes, elementos de muito fácil compreensão para qualquer observador. A fotografia poderá ser mais sutil e prescindir desses detalhes (vidro quebrado, etc.). Nem por isso deixará de atingir seu objetivo. E' lógico que dependerá também muito da acuidade do observador compreendê-la ou não. Mas isto é uma condição mesmo das artes. Muitas e muitas vezes, o artista só é compreendido por uma elite e nisto reside mesmo um dos valores altos do artista.

A. S. VICTOR — Observa que, na sua opinião, a perfeição da forma supera a idéia. Temos aqui o caso oposto do trabalho anterior: a técnica sobrepujando o tema.

ORIENTADOR — Concorde com a observação; o trabalho é rico em superfície sendo, porém, mais pobre em profundidade. A seu vê o valor da fotografia reside mais, nos elementos plásticos.

G. MALFATTI — Julga que, mais do que pobreza, o trabalho traduz uma época passada; e nisto, está plenamente realizado seja em superfície ou conteúdo. Sente-se através dele o século passado, sendo completamente indiferente a idéia de pobreza. O trabalho traduz uma época.

ORIENTADOR — Finaliza os debates, acentuando as qualidades técnicas do trabalho, ponto alto do mesmo, pelo rendimento obtido.

"BALLET" por JULIO AGOSTINELI
(capa)

Técnica — App. Speed Graphic 6x9 — filme Plus X — F:8 — 1/25 de seg. com sincroflash 1/10.000 — revelado em DK 20 — Ampliação em Indiatone — Revelação em D-55.

AUTOR — De ha muito vinha querendo fazer uma fotografia de ballet, diferente, porém, do que comumente é apresentado: corpo inteiro, poses clássicas do bailado, etc.. Procurou assim jogar com um primeiro plano forte fazendo moldura para a cena em segundo plano.

E. SALVATORE — Quando participou do julgamento do concurso no qual foi o trabalho apresentado, manifestou a impressão de que a fotografia lhe parecia previamente composta, com a colocação das figuras estudada antecipadamente, caso em que lhe parecia que a composição poderia ser melhorada com o escalonamento das bailarinas do plano secundário em profundidade. Indagava agora do autor se esta impressão era exata, ou se a fotografia foi obtida durante um ensaio, não podendo o autor dispôr das figuras á sua vontade.

AUTOR — A fotografia foi obtida durante um ensaio, não sendo previamente estudada e arranjada a composição. Procurou porém evitar os lugares comuns tão temidos em fotografias deste gênero e fazer cousa algo original. Daí ter procurado um ângulo baixo, e com uma figura próxima que já sabia, deveria tomar aquela atitude durante o bailado, formar um primeiro plano bastante forte.

ORIENTADOR — Considera o elemento primordial da fotografia o primeiro plano, as pernas da bailarina formando moldura muito interessante e de efeito agradável. Nota também a ligação existente entre os pés da primeira bailarina e as pernas das demais, unindo-se num ponto de equilíbrio. Encarece a riqueza de tonalidades do trabalho, valorizando grandemente a apresentação.

A. SOUZA LIMA — Considera o trabalho bastante expressivo, sendo de notar-se também a capacidade de síntese do mesmo e outros atributos como pose plástica, ritmo, sensualidade, elegância, jogados com muita propriedade, fazendo com que a fotografia exprima o ballet com beleza e arrojo.

M. H. DUTRA — O colega precedente falou em sensualidade, e realmente parece-lhe um sensualismo a colocação da figura, principal, com a qual o autor, mais do que o movimento do ballet, quiz acentuar as formas do corpo da bailarina.

ORIENTADOR — Um caso de "froidismo" talvez... Realça todavia que o autor, sem conhecer ballet, como ele afirma, conseguiu graças ao seu senso estético um belo e expressivo trabalho.

"DESESPERO" por ANTONIO S. VICTOR

Técnica — App. Super-Ikonta 6x6 — filme Plus X — filtro verde-amarelo — F:8, 1/100 — Revelação e ampliação em casa comercial.

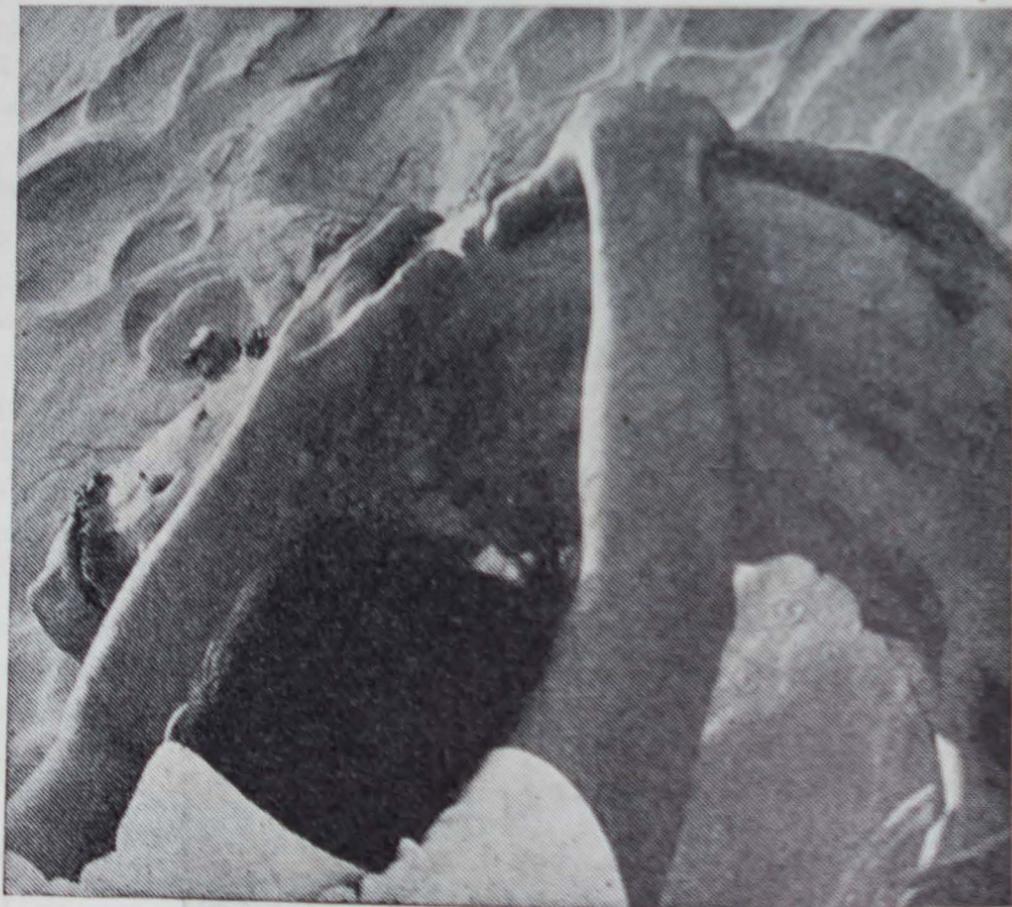
AUTOR — A idéia básica do trabalho surgiu por ocasião de uma conversa, durante a excursão a Itanhaem, sobre um filme que havia assistido recentemente; divisando na praia um tronco semelhante ao visto naquele filme, pediu a um colega (o Geraldo) que pozasse, resultando a fotografia que aí está. A idéia é traduzir o desespero de uma pessoa já exgotada e que, quasi sem energia, se agarra desesperadamente ao último elemento de salvação. Visava portanto, obter uma fotografia dramática.

E. SALVATORE — Recorda o que teve ocasião de dizer por ocasião do julgamento dessa fotografia, no último concurso interno. De fato a concepção é ótima, bastante feliz; sua realização, entretanto, pecou por um pequeno detalhe, qual seja o vestuário, límpido e imaculado, do figurante, ocasionando um ponto de distúrbio, um artificialismo que muito prejudica o efeito final do quadro.

ORIENTADOR — Concorda com Salvatore; sente-se, com efeito, algum artificialismo na fotografia, originado, certamente, do detalhe apontado por Salvatore e que impressiona mesmo pela diferença de tonalidade, demasiadamente clara. Crê que si o autor tivesse aproveitado apenas as mãos, daria melhor a idéia do último e desesperado esforço de salvação que quiz traduzir com seu trabalho.

GERALDO BARROS — Sugere que, com proteção adequada quando da ampliação, escurecendo o ponto de perturbação que foi apontado pelos colegas precedentes, talvez se consiga obter o resultado desejado.

Conclue na página 20



"DESESPERO"

Antonio S. Victor

A Excursão à "Estância dos Reis" (Mogy das Cruzes)

Na verdade, parecia que os fados conspiravam contra a primeira excursão da série programada para o corrente ano de 1950, marcada para 22 do corrente, para a qual havia sido escolhida a acolhedora "Estância dos Reis", na vizinha cidade de Mogy das Cruzes.

Desde ha 15 dias antes, S. Paulo via "afogado" num dilúvio.... Chovia, chovia sem cessar, óra a cantaros, óra aquela chuvinha fina e penetrante tão nossa conhecida, mas chovia sempre. Nos dias mais próximos, então, nem é bom falar.

Os "bandeirantes", narizes espetados no céu, olhos ansiosos tentando atravessar a pezada camada de nuvens, procuravam vislumbrar o que os barômetros teimosamente se recusavam em mostrar. Ninguém pensava, porém, em desertar. Ainda na véspera, sábado á tarde, quando se vislumbrou ligeira melhoria, logo depois anulada por outra chuvarada irritante, o ambiente, na séde era de confiança e... teimosia!

— "Como é? Vae haver excursão?"

— Naturalmente. Porque? Você não vai?

— Quem disse; lá estarei firme, nem que chova canivete..."

Mas, o santo da turma é mesmo forte. Também pudéra... com tantas mandingas, rezas e benzeduras, não havia mesmo santo que resistisse. A Barbara, á meia-noite em ponto de sexta feira, andou espalhando cinzas de sapo... O Trovato, espargiu sangue de urubú cientificamente plasmado, durante três dias a fio... Da. Maria Cecilia gastou duas duzias de claras de ovo ao relento... e sabe-se lá o que mais!

O fáto é que domingo, cedinho, o sól brilhou enchendo a natureza e os corações bandeirantes de



Um grupo dos excursionistas posa para o Boletim

alegria e esperanças.. E á hora marcada, lá estavam todos: Palmério, Albuquerque, Salvatore, Otsuka, Lorca, Washington, Trevelin, Nelson, Scotti, etc., etc..

O Morales assumiu o seu posto e o nosso conhecido ônibus rodou, engulindo vorazmente os quilômetros. Lá atrás, no último banco, o "bloco das piadas" sacolejava alegremente. O Cyro, contrário ao habitual, muito sizudo e calado, exprimido entre o Trovato e o Fiore.

O Yalenti, mais á frente, explicando á Barbara e ao Euclides como conseguiu um novo filtro, melhor que o "polaroide", com a sobra de um vidro azulado, desses usados nas janelas dos novos ônibus CMTC.. — "O diabo — dizia êle — é que o vidro é muito grosso e a sua Super-Ikonta não aguentava o peso"...

E assim, o "especial" chegou rapidamente a Mogy. Um cafézinho, e... logo mais a Estância, onde o Sr. Carlos nos esperava, amável e prestimoso.

Nem bem havíamos descido, um buzinar insistente anuncia a chegada, nos respectivos "possantes", das simpáticas e risonhas figuras das famílias Yoshida e Orlando de Freitas.

Surgem os aparelhos e a turma se espalha em busca de assunto. O FA é logo surpreendido, objetiva voltada para o alto de frondosa árvore: clic... clic... clic...

— Ué, FA, que é que você viu aí? E ele, encabulado:— "eu estava só experimentando a máquina..."

A Barbara, então, ajudada depois pela Judith, passou a perseguir, ou melhor, a ser perseguida por uns carneiros... "Uff — que sust~" — contava ela depois ofegante.

O Euclides "descobriu", depois daquele morro, uma paizagem "maravilhosa" e estava todo entusiasmado. E assim por diante, até que, chegou a



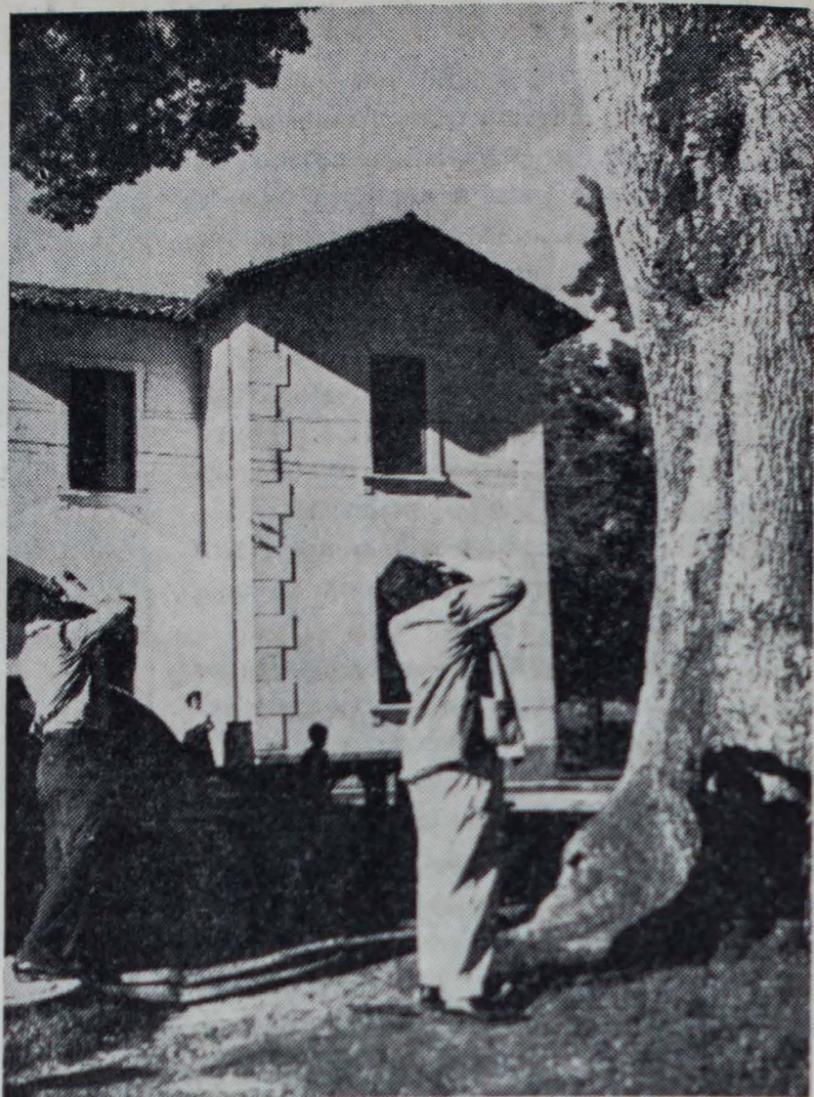
O Scotti, Palmério, Nelson, Morales e a Srta. Judith, palpitararam que alí, depois daquele morro tinha "assúnto" prá Salão e... toca a subir.

"hora sagrada". E enquanto corria o aperitivo, os filhinhos do Palmério e do Salvatore, fizeram-se ouvir ao piano, e até o Presidente ensaiou uns "boogie-woogie", lembrando os velhos tempos de academia...

O almoço decorreu alegre como sempre, finalizando com o clássico batismo dos estreantes: o casal Washington, a Barbara e a Judith... celebrado "aquósamente" pelo Palmério....

Depois de um breve descanso, quando o pessoal se preparava para voltar á lide, o trovão roncou ao longe e logo despencou a tempestade, violenta. A turma não se deu por achada. O Agostinelli mostrou então como é previdente: puxou pela bolsa e o seu "Flash" entrou em função, substituindo o astro rei e deixando os outros com uma inveja louca. Assuntos para o próximo concurso interno sob o tema "Dias de chuva" não faltaram e o Morales e Otsuka, não tiveram dúvida: debaixo de chuva mesmo, foram buscar aquela árvore seca com a qual haviam "enfestado"... O Albuquerque bancou o trapezista, para buscar uns ângulos "batatas". Póças d'água, refléxos, tudo explorado e assim decorreu a tarde, até que, como o tempo não melhorasse mesmo, foi ordenado o regresso.

Chegados em S. Paulo novamente, pés enlameados e muitas esperanças "enroladas" nos carretéis, o pôr de sol deve ter deixado muita gente com raiva... Porque não ficámos lá mais um pouco?



O Albuquerque e o Washington, encantam-se com o velho tronco.

CALENDÁRIO DAS ATIVIDADES SOCIAIS DE FEVEREIRO

Estarão assim distribuídas, no decorrer do mês de Fevereiro, as atividades dos diversos departamentos do Clube :

Dia 9, quinta-feira, às 20,30 horas, projeção do filme "O CORCUNDA DE NOTRE DAME" — Direção de William Dieterle — Filme da R.K.O. — Charles Laughton e Maureen O'Hara.

Dia 11, sábado, às 16,30 horas, entrega dos prêmios do 1.º Concurso de Cinema Amador, no salão nobre da sede social.

Dia 13, segunda-feira, às 20,30 horas — SEMINÁRIO DE CINEMA AMADOR — Análise crítica dos filmes "Estudos", de T. J. Farkas e Luiz Andrea-tini e "Artífices de Amanhã", de Luiz G. Marcondes Nitsch, à cargo dos srs. Benedicto J. Duarte e Carlos Ortiz, respectivamente. Haverá debates.

Dia 16, quinta-feira, às 20,30 horas — SEMINÁRIO DE FOTOGRAFIA.

Dia 20, segunda-feira — Encerramento das inscrições ao 2.º Concurso Interno — mês de Fevereiro — TEMA: "FLORES". Por autor: 4 trabalhos.

Dia 23, quinta-feira, às 20,30 horas — projeção do filme "O BEIJO DA TRAIÇÃO" — Direção de Richard Wallace — R.K.O. — John Garfield.

Dia 27, segunda-feira, às 20,30 horas, julgamento do concurso interno de Fevereiro — Tema: FLORES.

5.º SEMINÁRIO

(Conclusão)

F. ALBUQUERQUE — Julga que o autor não conseguiu realizar sua finalidade, apesar dos elementos que teve em mãos. Pensa que o assunto deveria ser tratado de outra forma. Como se apresenta, falta-lhe dramaticidade.

E. SALVATORE — Reafirma seu ponto de vista de que apenas a não observância do detalhe apontado prejudica o trabalho, dando-lhe certo artificialismo. No mais, julga o trabalho perfeitamente realizado, inclusive quanto á técnica empregada, e ao arranjo dos elementos — a composição.

ORIENTADOR — O poder expressivo do trabalho, deixou com efeito algo a desejar. Sentem-se, realmente, deficiências e as críticas que vem sofrendo são muitas, porque o trabalho, tem um propósito muito alto, enquanto a realização ficou, por assim dizer, "no meio do caminho". Não deixa, porém, de acentuar, a idéia, a concepção bastante feliz. Sugere ao autor repetir o trabalho na primeira oportunidade, prestando atenção aos senões apontados, que ás vezes, aparentemente sem importância, deitam por terra os trabalhos de propósitos tão elevados como o que vem de ser examinado.

ATIVIDADES FOTOGRÁFICAS NO PAÍS

1.ª Exposição Mundial de Arte Fotográfica

Em aditamento ás notícias estampadas em nossos números anteriores, temos a satisfação de registrar a realização dessa mostra de Arte, inaugurada solenemente a 7 de janeiro, corrente no auditório do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro e encerrada a 19. Figuraram nessa Exposição, cerca de 875 trabalhos, representando 35 nações, resultante de uma rigorosa seleção. Não é, pois, de extranhar o enorme êxito alcançado por essa Exposição. Os trabalhos admitidos foram classificados de acôrdo com os seus méritos artísticos, computando-se as respectivas pontuações para efeito de um concurso entre países e entre entidades fotográficas, tendo o Brasil alcançado o primeiro lugar, conforme pôde ser aquilatado pelo quadro de resultados finais que passamos a transcrever:

Campeonato dos Países

	Pontos em Grupo				Total dos Pontos
	I	II	III	IV	
1.º — Brasil	795	87	552	447	1.881
2.º — Alemanha	858	237	60	462	1.617
3.º — U. S. A.	801	60	444	30	1.335
4.º — Espanha	672	—	72	—	744
5.º — Hungria	504	24	129	—	657
6.º — Austria	486	—	90	33	609
7.º — Tcheco-Eslováquia	507	—	—	84	591
8.º — Itália	273	—	—	21	294
9.º — Índia	282	—	—	—	283
10.º — Portugal	270	—	—	6	276

Campeonato dos Clubes

1.º — Agrupacion Fotografica Cataluna, Barcelona, Espanha	597 pontos
2.º — Svaz Ceskoslovenkych Klubu Fotografu Amatéru, Praha	591 "
3.º — Magyar Amatör Művészfényképezők Országos Szövetsége, Budapest ...	549 "
4.º — Sezession Münchener, Lichtbildner, München, Alemanha	510 "

Foto-cine Clube de Campinas

O tempo vem demonstrando quão fundadas eram as esperanças que depositavamos no êxito dessa Enti-

dade, recentemente fundada. Realmente, os cam-pineiros vêm-se aplicando com louvável tenacidade em seus mistéres clubísticos do que nos dão uma próva concréta com a inauguração de sua séde so-cial, marcada para 28 de janeiro, corrente. Numa demonstração de marcante vitalidade, nessa mesma data, farão a inauguração da Primeira Exposição Interna, com trabalhos fotográficos de seus associa-dos. O exemplo que estão nos dando os campineiros deverá servir de estímulo aos companheiros fo-tógrafos amadores de outras localidades do nosso interior para que não se deixem levar de vencida pelas dificuldades que usualmente surgem nos em-preendimentos dessa natureza. Ao Foto Clube de Campinas, pois, a nossa revista apresenta seus ca-lorosos cumprimentos e votos de prosperidade na fase de atividades que irá inaugurar em sua nóva séde.

Exposição de Fotografias em Amparo

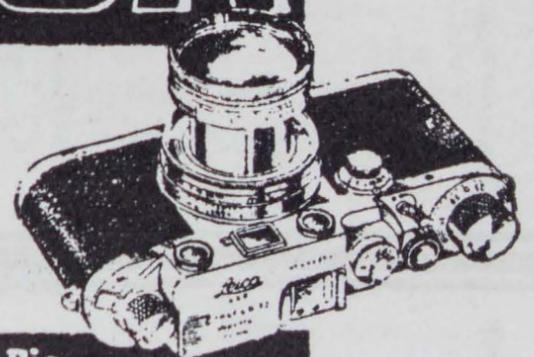
Em meados do corrente mês, foi inaugurada nes-sa culta localidade da Mogiana, uma exposição indi-vidual de fotografias. Trata-se do adiantado fotó-grafo amparense, Sr. Ariovaldo B. Camargo que está expondo aproximadamente tinta trabalhos de sua autoria, compreendendo retratos, paisagens e composições.

II Salão de Fotografias de Botucatu

De acôrdo com notícias que vem de nos chegar, o Centro Cultural de Botucatu está empenhado na realização do II Salão de Fotografias, o qual espera inaugurar ainda neste semestre. Os interessados nesse certame deverão se dirigir á entidade acima, afim de obterem os esclarecimentos necessários.

LEICA

a câmara uni-
versal da mais
alta precisão.



KLEINER & CIA. - Rio
Rua Teofilo Otoni, 89 - Caixa Postal 4504

★ Aperfeiçõe-se na arte fotográfica, participando dos concursos internos do Clube ★

O BANDEIRANTE NO EXTERIOR

Continuam chegando os resultados dos vários salões internacionais de 1949, a que concorreu o Clube com trabalhos de seus associados. Para conhecimento dos interessados, publicamos mais os seguintes :

III Exposição de Retratos de Bologna, Itália

Admitidos: "Fuga" e "Beldade rústica" de Francisco Albuquerque; "Estudo II" de Aldo Souza Lima; "Ultimo retoque" e "Lobo do mar" de Arnaldo F. Florence; "Senhor Y" de Masatoki Otsuka; "Meditação" de Manoel Morales F.º; "Madame Caldeira" e "Chico Piza" de Jacob Polacow; "Concerto familiar" e "Pensativo" de Eduardo Salvatore; "Caboclo velho" de Roberto Yoshida; e "90 anos" de Moacir Moreira.

— Cumpre notar ser este mais um resultado expressivo que contribuiu para colocar o Brasil em segundo lugar — o primeiro foi obtido pela Itália — nesta importante exposição especializada, da qual participaram 26 países, com um total de 1.885 trabalhos inscritos dos quais foram aceitos apenas 257! O belo catálogo do certame reproduz os trabalhos "Fuga", "Concerto familiar" e "Caboclo velho", respectivamente de Albuquerque, Salvatore e Yoshida.

IX Salão de Salta, Argentina

Admitidos: "Ipê da estrada" e "Luzes da Manhã" de J. Agostinelli; "Ela e os planos" e "Perfil" de F. Albuquerque; "Sombras" e "Redes em descanço" de G. Calliera; "Ponto de observação" de A. Martins Castro; "Movimento" de A. Cervellini; "Paisagem tropical" de C. Comelli; "Sombras em perspectiva" de T. J. Farkas; "Campo Santo" de A. Florence; "Natureza morta" e "Serenidade" de G. Gasparian; "Sesta" de C. F. Latorre; "Em repouso" de H. Laurent; "Casas velhas" de G. Lorca; "Ao cair da tarde" e "Manhã de inverno" de P. S. Mendes; "Tarde ensolarada" de M. Morales F.º; "Varredor do parque" de L. Munglioli; "Volta da pescaria" e "Velha proa" de A. F. Nuti; "Limpeza" de M. Otsuka; "Serenata" de J. Polacow; "Pateo Andaluz" de C. Pugliese; "Cristais" e "Borrasca" de N. S. Rodrigues; "Quando a cidade dorme" e

"Composição" de E. Salvatore; "Estuario" e "Baixa maré" de L. Vaccari; "Modelo" e "Vento indiscreto" de R. Yoshida.

1.ª CONVENÇÃO BRASILEIRA DE ARTE FOTOGRAFICA

Conta o nosso país, presentemente, com uma esplêndida rede de clubes e associações fotográficas que tem influido decisivamente no rápido incremento que a Arte da Câmara vem experimentando entre nós.

Mas a despeito desse surto fotográfico a que vimos assistindo nestes últimos anos, não ha negar que uma unificação de pontos de vista e do "modus operandi" das inumeras entidades fotográficas representaria incomensurável passo á frente. Por esse motivo a Diretoria do Foto-cine Clube Bandeirante está vivamente empenhada em realizar, ainda no corrente ano e na Capital de São Paulo, a 1.ª CONVENÇÃO BRASILEIRA DE ARTE FOTOGRAFICA.

Desnecessário seria encarecer o alcance da iniciativa, congregando num certame dos mais proveitosos, todos aqueles que vêm propugnando pelo aperfeiçoamento da Arte Fotográfica no Brasil.

Podemos adiantar que o programa vem sendo estudado minuciosamente pelos diretores do Bandeirante, devendo ser tratados, nesse certame, questões de palpitante interesse, como: extruturação de entidades fotográficas, atividades clubísticas e relações inter-clubes; problemas técnicos e estéticos da Arte Fotográfica; estudo para a fundação da Federação Brasileira de Arte Fotográfica; métodos e processos para a realização de Salões Regionais, Nacionais e Internacionais de Arte Fotográfica; métodos de julgamentos em concursos fotográficos, etc..

Não faltarão, por certo, uma excursão aos recantos mais pitorescos das cercanias de São Paulo e um banquete de confraternização para os participantes do conclave.

Todas as entidades fotográficas do país, bem como aficionados não pertencentes aos quadros sociais das mesmas, poderão participar do certame e nesse sentido a Diretoria do F. C. Bandeirante solicita a colaboração dos interessados, enviando sugestões para que a Convenção se revista do maior proveito e brilhantismo possíveis.

KOSMOS FOTO
ARTIGOS E SERVIÇOS
FOTOGRAFICOS, CINEMATOGRAFICOS
RUA SÃO BENTO, 288 - TEL 2-5882
SÃO PAULO

CONCURSOS INTERNOS

A Classificação geral de 1949

Computado que foi o resultado do concurso de dezembro p.p., com o qual foi encerrada a série de concursos internos de 1949, pelo Diretor Fotográfico foi levantada a classificação geral dos concorrentes, nas várias categorias em que se subdividem, e na última reunião a Diretoria proclamou vencedores, os consócios abaixo relacionados, cujos resultados gerais foram os seguintes:

	Trabalhos			Pts.
	Ins.	Adm.	M.H.	
Seniors :				
1.º - Francisco Albuquerque	34	18	2	220
2.º - Roberto H. Yoshida	22	8	2	120
3.º - Gaspar Gasparian	20	8	1	100
Juniors :				
1.º - Masatoki Otsuka	44	10	13	360
2.º - Jacob Polacow	21	3	9	210
3.º - Julio Agostinelli	22	3	5	130
Novíssimos :				
1.º - Sergio Trevelin	40	15	18	510
2.º - German Lorca	43	19	15	490
3.º - Fredy Kleeman	25	10	11	320

Nos termos do regulamento de concursos internos foram promovidos da classe de novíssimos para a de juniors, os consócios Sergio Trevelin e German Lorca. Aos vencedores, o Boletim consigna as congratulações de todos os colégas.

Os Concursos de 1950

Conforme foi já anunciado, para os concursos do corrente ano foi reduzido para 4 o número de fotografias que cada concorrente poderá inscrever, iniciando-se a série com o concurso deste mês de janeiro, sob tema livre. Como de costume, as inscrições serão encerradas no dia 20 de cada mês, com tolerância de 48 horas para entrega dos trabalhos. E' o seguinte o CALENDÁRIO para os próximos meses:

MESES	FOTOGRAFIA	DIPOSITIVOS em cores
Janeiro	TEMA LIVRE	1.º Tema Livre
Fevereiro	FLORES (composições ou ao natural)	— —
Março	TEMA LIVRE	2.º Tema Livre
Abril	INDUSTRIAS (cênas, trabalhos, maquinas, etc.)	— —
Maio	TEMA LIVRE	3.º Tema Livre
Junho	DIAS DE CHUVA	— —
Julho	TEMA LIVRE	4.º Tema Livre
Agosto	PAISAGENS	— —
Setembro	TEMA LIVRE	5.º Tema Livre
Outubro	Não haverá concursos em virtude da realização do IX SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRAFICA DE S. PAULO.	
Novembro		
Dezembro	"UMA CHICARA DE CAFÉ" "Composição"	6.º Tema Livre

CALENDÁRIO DE SALÕES INTERNACIONAIS DE 1950

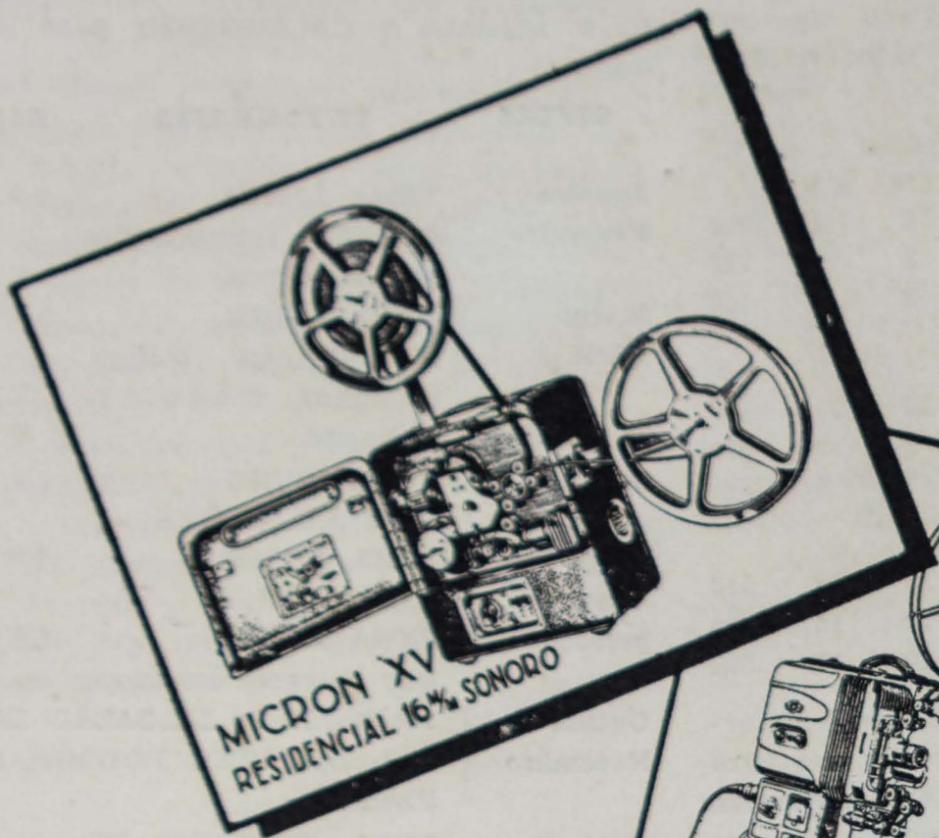
Pelo Diretor de Intercâmbio, foi organizado o calendário abaixo de salões internacionais a se realizarem durante o ano de 1950 no estrangeiro, e aos quais o Clube concorrerá em representações coletivas de seus associados.

Nessa relação foram incluídos, de preferência, os salões promovidos por entidades congêneres que mantêm intercâmbio com o Fc. C. B., concorrendo

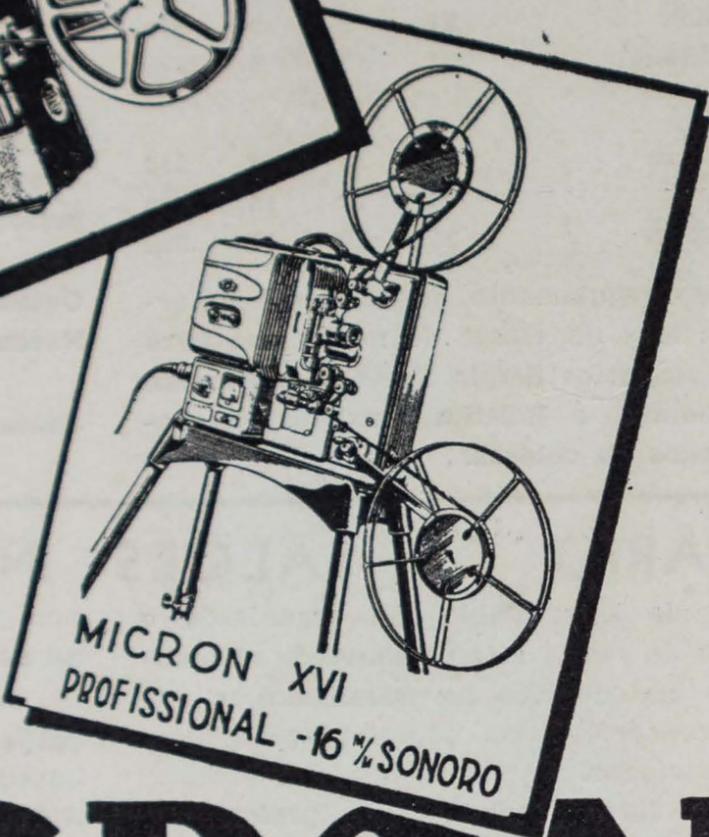
com idênticas representações ao Salão Internacional de São Paulo.

Foram considerados apenas os salões que se realizam impreterivelmente, todos os anos, o que não impedirá de a relação serem acrescentados posteriormente, outros salões e certames promovidos por associações amigas ou que venham a iniciar relações com o nosso Clube.

SALÕES	CIRCUITOS	Datas de entrega no Clube
4.º Salão Int. de Montreal (Canadá)	Vancouver, Vitória, etc.	31 de Janeiro
9.º " " " Barcelona (Espanha)	San Sebastian, Zaragoza e pr v. Madrid	5 de Fevereiro
41.º " " " Londres (Inglaterra)	Southgate e Combined Societies	5 de Março
6.º " " " Adelaide (Austrália)	Sidney, Melbourne e Nova Zelandia	30 de Abril
38.º " " " Paris (França)	Holanda, Luxemburgo e Checoslováquia (prováveis)	12 de Maio
4.º " " " da Dinamarca	Suécia e Noruega (prováveis)	19 de Maio
11.º " " " de Três Arroyos (Argentina)	—	28 de Maio
" " " F. K. Iris (Antuerpia)	Gand, Charleroi e outros da Bélgica	4 de Junho
6.º " " " do F. C. Buenos Aires (Argentina)	—	30 de Junho
9.º " " " da Chicago H. Soc. (Chicago)	Outros salões dos E.E. U.U.	16 de Julho
4.º " " " de Retratos, Bolonha (Itália)	—	25 de Julho
14.º " " " do Chile (Santiago)	—	6 de Agosto
14.º " " " F. C. Argentino (Buenos Aires - Argentina)	—	29 de Agosto
" " " Soproni F. K. (Hungria)	Outros salões da Hungria e Austria	11 de Setembro
7.º Concurso Esportivo do C. A. Provincial de Rosário (Argentina)	—	24 de Setembro



MICRON XV
RESIDENCIAL 16% SONORO



MICRON XVI
PROFISSIONAL -16% SONORO

Projetores

MICRON

REPRESENTANTE NO BRASIL

Cine★
FORNECEDORA

★ AV. RIO BRANCO, 181, 5º AND. ED. CINEAC TRIANON ★ TEL. 42-5111 ★ RIO ★



PROJETORES DE 35% A ARCO VOLTAICO E LAMPADA INCANDESCENTE

M. Venício

GUARDE BEM ÊSTE NOME:



Defender

FILMES • PAPÉIS • DROGAS

● Onde quer que seja — em terra, no mar, no ar... em interiores ou ao ar livre... onde quer que a luz e a sombra façam suas admiráveis combinações... onde houver uma cena que valha a pena fotografar — há sempre uma oportunidade para fotografias melhores, com material "Defender". Um filme para cada motivo, um papel para interpretar tôdas as qualidades contidas no negativo, drogas para revelar os seus mais belos e menores detalhes... na completa linha de produtos "Defender" — em sua característica embalagem azul e amarela.



E. I. DU PONT DE NEMOURS & COMPANY INC.

representada no Brasil pela

INDÚSTRIAS QUÍMICAS BRASILEIRAS "DUPERIAL" S. A.

MATRIZ: SÃO PAULO, RUA XAVIER DE TOLEDO, 14, 8.º ANDAR

FILIAIS: PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO E PÓRTO ALEGRE





NOS CÉUS DO MUNDO

A "PANAIR DO BRASIL" adotou em suas aeronaves "BANDEIRANTES" para as rotas europeias e americanas talheres e baixelas FRACALANZA. Tal preferência, baseada na matéria prima empregada, na elegância dos artigos e no rigor do seu fino acabamento, representa uma vitória para a indústria brasileira, isto é, para a *prata de casa*.

O "*made in Brazil*", gravado ao pé da gloriosa marca FRACALANZA, percorre os céus do mundo levando por toda parte o nome do Brasil e a afirmação de que a indústria nacional, em alguns particulares, já pode emparelhar com as mais antigas dos vários continentes.

FRACALANZA é uma tradição viva de nossa terra, que atravessa a distância e o tempo, servindo ao Brasil: seu traço característico e a perfeição de suas baixélas e talheres.



Fractalanza

A prata de casa